



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANDREZA DOS SANTOS OLIVEIRA DARIO

**UNIVERSIDADE E MATERNIDADE:
A EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE SE TORNARAM MÃES DURANTE
A GRADUAÇÃO**

**SUMÉ - PB
2023**

ANDREZA DOS SANTOS OLIVEIRA DARIO

**UNIVERSIDADE E MATERNIDADE:
A EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE SE TORNARAM MÃES DURANTE
A GRADUAÇÃO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Orientadora: Professora Dra. Maria Helena Carvalho de Araújo Lima.

**SUMÉ - PB
2023**



D218u Dario, Andreza dos Santos Oliveira.
Universidade e maternidade: a experiência de
mulheres que se tornaram mães durante a graduação.
/ Andreza dos Santos Oliveira Dario. - 2023.

73 f.

Orientadora: Professora Dra. Maria Helena
Carvalho de Araújo Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina
Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências
Sociais.

1. Maternidade. 2. Educação superior. 3.
Desigualdade de gênero. 4. Evasão escolar -
mulheres. 5. Mães - estudantes universitárias. 6.
Ensino remoto. I. Lima, Maria Helena Carvalho de
Araújo. II Título.

CDU: 378(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ANDREZA DOS SANTOS OLIVEIRA DARIO

**UNIVERSIDADE E MATERNIDADE:
A EXPERIÊNCIA DE MULHERES QUE SE TORNARAM MÃES DURANTE
A GRADUAÇÃO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais**

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dra. Maria Helena Carvalho de Araújo Lima.
Orientadora – UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Luciana Siqueira Walter.
Examinadora Externa – ECIT Raul Córdula**

**Professora Ma. Kátia Carina Mesquita Cruz de Araújo.
Examinadora Externa – UNICIR – Sumé - PB**

Trabalho aprovado em: 16 de fevereiro de 2023.

SUMÉ - PB

Dedico este trabalho a meu esposo Dario,
por ser meu companheiro de batalha
e a meu filho Henrique,
pois foi devido aos desafios que vivenciamos
que me dediquei à temática que aborda esse
trabalho. A vocês todo meu amor.
A todas as mães estudantes.
Nós sabemos da sua luta. Sigamos juntas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por fazer de mim uma filha tão abençoada.

Aos meus pais Maria das Graças Oliveira Galdino e Inácio Oliveira, que me ensinaram valores que ajudaram na minha formação enquanto ser humano.

Ao meu marido Flávio Dario, por fazer de mim uma mulher amada. Pelo apoio, incentivo e companheirismo nos momentos difíceis.

As amigas verdadeiras que fiz na universidade que tornaram a minha caminhada mais leve e menos solitária.

A todos os professores que contribuíram para a minha chegada até o ensino superior, da alfabetização, fundamental e ensino médio. Em particular a professora do ensino médio, da disciplina de sociologia Kátia Karina, que através da sociologia ajudou com meu empoderamento enquanto mulher negra, provocando também o desejo de conhecer mais sobre as Ciências Sociais.

Ao corpo docente e todos aqueles que fazem parte do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA

A minha orientadora, Lena Costa Carvalho, por todo ensinamento e empatia.

Ao menino dos meus olhos, meu filho Henrique, por quem além de mim sempre irei buscar evoluir profissionalmente e enquanto pessoa.

As informantes que contribuíram com esta pesquisa, foi um prazer poder contar com a ajuda de cada uma.

RESUMO

Conciliar a maternidade a vida acadêmica pode representar grandes desafios, por serem compromissos que requerem muita dedicação, tempo, cuidado e envolvimento afetivo. Essa questão é especialmente difícil no contexto de uma sociedade patriarcal, em que recaem sobre as mulheres as responsabilidades e os cuidados com a prole e com a casa, aumentando o cansaço físico e mental decorrentes da maternidade, especialmente no primeiro ano do bebê. Diante desse panorama, a presente pesquisa objetivou analisar os impactos da maternidade no rendimento acadêmico de estudantes que se tornaram mães durante a graduação. Procurando investigar as principais dificuldades enfrentadas pelas mães universitárias, os possíveis fatores determinantes na continuidade ou não dos estudos após a maternidade das universitárias. Foi realizado um estudo quali-quantitativo de abordagem descritiva e analítica que avaliou o perfil e as percepções de 24 universitárias que gestaram ou tiveram um ou mais filhos ao longo do percurso da graduação em instituições de ensino superior localizadas no estado da Paraíba e Pernambuco. O instrumento de coleta empregado foi um formulário virtual semiestruturado, contendo 60 questões, a fim de avaliar o contexto familiar, cultural e econômico em que vivem as informantes, com perguntas sobre trajetória acadêmica, desempenho, dificuldades, percepções a cerca do rendimento acadêmico antes e após a maternidade e participação do pai nos cuidados com o(s) filho(s). Adicionalmente, foi feita análise de conteúdo voltada para relatos de experiência sobre maternidade e universidade em redes sociais. A partir dos resultados obtidos na pesquisa, foi constatado sobrecarga perceptível na autoavaliação de desempenho acadêmico, profissional e doméstico. Houve um aumento no percentual de trancamento ou reprovação de disciplinas 9 (42,9%) chegaram a trancar ou reprovar entre 1 a 2 disciplinas, 3 (14,3%) entre 3 a 4 disciplinas e 1 (4,8%) trancou ou reprovou 7 ou mais disciplinas após a maternidade, enquanto, antes de serem mães, as que já haviam trancado ou reprovado eram apenas 8 (40%). Os pensamentos sobre desistir do curso também passaram de 1 (4,8%) que consideraram a opção com frequência para 12 (52,2%) com esse pensamento após a maternidade. Não se trata, porém, de algo inevitável a rede de apoio é apontada como essencial por parte de 11 informantes que estão em curso em andamento e das 10 que conseguiram concluir.

Palavras-chave: Maternidade; Educação superior; Evasão Escolar; Desigualdade de gênero.

DARIO, Andreza dos Santos Oliveira. **University and maternity: the experience of women who became mothers during graduation.** UFCG, 2023. 74p. (Course Completion Work in the Degree in Social Sciences). Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande – Sumé – Paraíba – Brazil, 2023.

ABSTRACT

Reconciling motherhood and academic life can pose great challenges, as they are commitments that require a lot of dedication, time, care and emotional involvement. This issue is especially difficult in the context of a patriarchal society, in which the responsibilities and care for the offspring and the house fall to women, increasing the physical and mental fatigue resulting from motherhood, especially in the baby's first year. Given this scenario, this research aimed to analyze the impacts of motherhood on the academic performance of students who became mothers during graduation. Seeking to investigate the main difficulties faced by university mothers, the possible determining factors in the continuity or not of studies after motherhood of university students. A qualitative-quantitative-qualitative study with a descriptive and analytical approach was carried out, which evaluated the profile and perceptions of 24 female university students who gave birth or had one or more children during their graduation course in higher education institutions located in the states of Paraíba and Pernambuco . The collection instrument used was a semi-structured virtual form, containing 60 questions, in order to assess the family, cultural and economic context in which the informants live, with questions about academic trajectory, performance, difficulties, perceptions about academic performance before and after motherhood and the father's participation in the care of the child(ren). Additionally, content analysis focused on experience reports about motherhood and university in social networks was performed. From the results obtained in the research, a noticeable burden was found in the self-assessment of academic, professional and domestic performance. There was an increase in the percentage of dropping out or failing subjects 9 (42.9%) ended up dropping out or failing between 1 to 2 subjects, 3 (14.3%) between 3 to 4 subjects and 1 (4.8%) dropped out or failed 7 or more subjects after motherhood, while, before becoming mothers, those who had already dropped out or failed were only 8 (40%). Thoughts about giving up the course also went from 1 (4.8%) who considered the option frequently to 12 (52.2%) with this thought after motherhood. It is not, however, something inevitable the support network is identified as essential by 11 informants who are in course in progress and the 10 who managed to conclude.

Keywords: Maternity; College education; School Evasion; Gender inequality, Western India.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Grau de escolaridade da mãe das informantes. Nordeste, 2022.....	46
Gráfico 2 -	Grau de escolaridade do pai das informantes. Nordeste, 2022.....	46
Gráfico 3 -	Renda familiar durante a graduação. Nordeste, 2022.....	47
Gráfico 4 -	Situação acadêmica das respondentes. Nordeste, 2022.....	48
Gráfico 5 -	Número de filhos ao ingressar no ensino superior. Nordeste, 2022.....	48
Gráfico 6 -	Gravidez planejada ou não durante o curso. Nordeste, 2022.....	49
Gráfico 7 -	Tiveram apoio nos cuidados com o(s) filho(s) para estudar.....	50
Gráfico 8 -	Tempo disponível para se dedicar aos estudos.....	51
Gráfico 9 -	Tempo disponível para estudar, após o puerpério.....	51
Gráfico 10 -	Responsabilização dos pais com os cuidados com o(s) filho(s).....	52
Gráfico 11 -	Tipos de cuidados com os filhos que os pais ficavam responsáveis.....	52
Gráfico 12 -	Divisão das atividades domésticas com o companheiro.....	53
Gráfico 13 -	Atividades domésticas que o companheiro se responsabiliza.....	53
Gráfico 14 -	Autoavaliação de desempenho acadêmico antes da maternidade. Nordeste, 2022.....	54
Gráfico 15 -	Autoavaliação de desempenho acadêmico no primeiro ano de vida do bebê. Nordeste, 2022.....	54
Gráfico 16 -	Autoavaliação de desempenho de atividades domésticas antes da maternidade. Nordeste, 2022.....	55
Gráfico 17 -	Autoavaliação de desempenho de atividades domésticas no primeiro ano de vida do bebê. Nordeste, 2022.....	56
Gráfico 18 -	Autoavaliação de desempenho do trabalho remunerado, antes de ter o bebê. Nordeste, 2022.....	56
Gráfico 19 -	Autoavaliação de desempenho do trabalho remunerado, no primeiro ano de vida do bebê. Nordeste, 2022.....	57
Gráfico 20 -	Necessidade de diminuição de número de disciplinas matriculadas, para conciliar as demandas diárias antes, de ter o bebê.....	57
Gráfico 21 -	Necessidade de diminuição de disciplinas matriculadas para conciliar as demandas diárias, após nascimento do bebê.....	58
Gráfico 22 -	Reprovação antes da maternidade.....	58
Gráfico 23 -	Trancaram ou reprovaram, após terem filhos.....	59
Gráfico 24 -	Pensaram em desistir do curso antes da maternidade.....	59
Gráfico 25 -	Pensaram em desistir do curso após a maternidade.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDSA - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

SIS - Síntese de Indicadores Sociais

SUS - Sistema Único de Saúde

UEMG - Universidade Estadual de Minas Gerais

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA.....	13
2.1	ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	13
2.2	ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	14
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
3.1	LUTA DAS MULHERES POR ACESSO À EDUCAÇÃO.....	24
3.2	ENSINO SUPERIOR E MATERNIDADE.....	27
3.3	UNIVERSIDADE ACESSO E PERMANÊNCIA.....	29
4	APRESENTAÇÃO DE ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	33
4.1	RESULTADOS DA ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS.....	33
4.1.1	A experiência de ser estudante e mãe: relatos e opiniões em redes sociais.....	33
4.2	RESULTADOS DA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	40
4.2.1	Descrição das informantes e de suas famílias.....	46
4.2.2	O percurso acadêmico das mães estudantes.....	47
4.2.3	A experiência de ser estudante e mãe.....	49
4.2.4	Puerpério.....	50
4.3	O DESEJO DE CONCILIAR AS ATIVIDADES.....	60
4.4	RETOMADA OU ABANDONO DO CURSO.....	61
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	65
	APÊNDICE.....	68

1 INTRODUÇÃO

Sou mãe, universitária, esposa, dona de casa e trabalho em uma papelaria produzindo personalizados, tais como: topos para bolo, caixas decoradas, convites e impressões rápidas, com o intuito de ajudar com os gastos do lar. Meu marido é o provedor da casa, nela moramos os três: meu esposo, eu e nosso filho. Meu cônjuge é consciente e participa das divisões das atividades do lar e cuidado com o filho que tivemos quando eu estava no final do oitavo período do curso de Ciências Sociais. Mesmo assim, desde que engravidei, ficou difícil conciliar os estudos com as demandas da casa, maternidade e trabalho notei que me sentia sobrecarregada e improdutiva.

Foi essa vivência que despertou o interesse pelo tema da maternidade na universidade, observando a partir das minhas experiências enquanto mãe e estudante, as dificuldades em permanecer na universidade.

Como forma de desenvolver um olhar atento para a rotina das mães estudantes, o primeiro exercício proposto por minha orientadora, ainda durante a construção do projeto de pesquisa, foi a escrita de um diário registrando minha rotina, pensamentos e emoções. A partir das anotações do meu diário de campo realizadas entre 15/02/22 e 18/04/22 percebi que mesmo contando com meu marido muitas responsabilidades estão impostas a mim. Eu escrevia à noite sobre quais eram minhas expectativas sobre o dia seguinte e, ao final deste, anotava qual tinha sido a realidade. O idealizado nunca condizia com o vivenciado, eu não conseguia dar conta das demandas do lar, do trabalho e estudar. Por diversas vezes, o trabalho teve prioridade sobre as atividades acadêmicas, por motivos de dificuldades financeiras; em outros momentos, deixei de trabalhar ou de estudar para me dedicar aos cuidados com o filho ou por exaustão.

Mesmo o exercício de escrever o diário foi diferente do idealizado. Em vários dias, não realizava anotações e depois, de acordo com as datas de ausência, adicionava o que acontecera naquele dia e o porquê de não ter realizado a atividade de escrita. Além dos motivos já citados, também houve dias em que não escrevia por desânimo, por perceber que não conseguia realizar as atividades que desejava. Assim, parei de registrar expectativas, como forma de não me cobrar tanto. Aos poucos sem que eu percebesse, devido a rotina à carga mental e física, comecei a sentir reflexos em meu corpo, como queda significativa de cabelo, perda de peso, estresse, baixa autoestima, dores no corpo, pensamento excessivo, ansiedade e dificuldades para dormir. As expectativas por mim construídas antes de dar à luz

ao meu filho eram de conseguir conciliar a maternidade a todas as atividades do lar, acadêmicas e de trabalho, porém a realidade não ocorreu dessa forma e, repetidas vezes, o sentimento de frustração se fez presente.

Contudo com o apoio do marido e amigos como também meu desejo de, através dos estudos, alcançar minha emancipação financeira e proporcionar uma melhor qualidade de vida para mim e minha família, não me permiti desistir. Transformei o que vivia em tema de pesquisa e procurei conhecer a experiência de mulheres que passaram por situação semelhante. Afinal, a situação por mim vivenciada não é isolada e muitas mulheres acabam largando os estudos e tendo dificuldades para crescer profissionalmente após a maternidade. Embora a reprodução seja um dado biológico, a maioria de suas consequências são frutos de condições sociais. A maternidade não é apenas parentalidade e afeto, mas também um conjunto de responsabilidades que tradicionalmente em nossa sociedade patriarcal são impostas exclusivamente às mães.

Trazer à tona discussão sobre mulheres que precisam conciliar maternidade, universidade e várias outras demandas é preciso para se compreender a realidade dessas mulheres, esclarecer a partir das experiências delas de que a maternidade não se trata apenas de afeto, mas também de responsabilidades que tradicionalmente em nossa sociedade patriarcal são impostas, exclusivamente, as mães.

Dessa maneira, a pesquisa tem como objetivo geral compreender a experiência de mulheres que se tornaram mães ao longo do percurso da graduação, identificando os impactos no processo de escolarização e sua relação com a forma como a maternidade foi vivenciada. Para tal, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) investigar as dificuldades acadêmicas enfrentadas pelas mães universitárias; b) identificar os possíveis fatores determinantes na continuidade ou não dos estudos após a maternidade das universitárias; c) levantar propostas que contribuam com a permanência das mães universitárias nos estudos acadêmicos.

A metodologia utilizada tem caráter quali-quantitativo, realizada a partir de um formulário virtual semiestruturado, juntamente com a análise de conteúdo de relatos de experiências em redes sociais a fim de avaliar o impacto da maternidade no rendimento acadêmico.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro traz o relato da experiência vivenciada pela pesquisadora enquanto mãe e universitária.

O segundo capítulo aborda a metodologia adotada na pesquisa, relatando o passo a passo da pesquisa e citando as principais referências utilizadas nessa etapa.

O terceiro capítulo apresenta o referencial teórico utilizado na discussão sobre os direitos reprodutivos e a maternidade voluntária, as contribuições do movimento feminista na emancipação das mulheres e a luta por acesso e permanência das mulheres na universidade, em especial, as mulheres que se tornaram mães durante o percurso acadêmico, fundamentado em Angela Davis (2016), Bell Hooks (2018), Oliveira (2019) e Gaspary (2019).

O quarto capítulo demonstra os resultados da pesquisa realizada nos casos das redes sociais e aplicação de questionário a mulheres que se tornarão mãe durante o percurso acadêmico na região Nordeste.

O quinto capítulo expõe algumas considerações finais acerca das dificuldades acadêmicas enfrentadas pelas mães universitárias e sugestões de propostas que poderiam vir a contribuir com a permanência das mães universitárias nos estudos acadêmicos.

1 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, realizada através de uma combinação de diário pessoal (na fase exploratória), aplicação de questionários e análise de conteúdo (e caráter majoritariamente quantitativo). Descreverei cada um desses métodos separadamente.

Inicialmente a partir de orientações da minha professora busquei trabalhos acadêmicos a partir de palavras chaves no google acadêmico, tais como: mulher e universidade, mãe + universidade, evasão escolar + mulheres, maternidade + universidade, maternidade + estudos. Posteriormente, realizei fichamentos dos materiais encontrados que abordavam o conteúdo.

Paralelamente às leituras, realizei o exercício de escrita de um diário pessoal entre os meses de fevereiro e abril de 2022, conforme explicado na introdução deste trabalho. Como forma de desenvolver um olhar atento a rotina das mães estudantes, a partir de anotações realizadas diariamente sobre minhas expectativas sobre as atividades que desejava realizar e sobre o que realmente tinha acontecido no correr do dia. Este exercício foi de grande importância, para a partir dos registros anotados selecionar características para o levantamento de questionamentos sobre experiências de mulheres que tentam conciliar vida acadêmica e maternidade.

Após essa etapa exploratória, optei por aplicar questionários, para realizar um levantamento quantitativo sobre a experiência de mulheres que se tornaram mães durante a graduação, e partir das categorias elaboradas com apoio da etapa exploratória. Efetuando o colhimento de informações que foram analisadas em seguida. O método quantitativo foi escolhido porque através deste tipo de pesquisa é possível quantificar as respostas das informantes e assim identificar os fatores determinantes na continuidade ou não dos estudos após a maternidade das universitárias. De acordo com RICHARDSON (2012), o método quantitativo, tem como base o interesse em garantir a precisão dos resultados, frequentemente aplicado em estudos descritivos em que se deseja descobrir e classificar as relações entre as variáveis, como também nos que investigam a causalidade entre os fenômenos.

2.1 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Com o intuito de compreender as experiências de mulheres que se tornaram mãe durante o percurso acadêmico, produzi um questionário virtual construído na plataforma do Google Forms, contendo 60 perguntas sendo 6 abertas e 54 fechadas (Apêndice A), A partir

das questões, busquei traçar um perfil das mulheres e suas famílias e, em seguida, ter informações sobre cumprimentos das atividades domésticas, acadêmicas e trabalho antes e depois da maternidade e participação do pai nos cuidados com o(s) filho(s). Quanto à vida acadêmica, foram feitas perguntas sobre trajetória, desempenho, dificuldades. Com o intuito de deixar as informantes mais a vontade a participar da pesquisa e reduzir as desistências durante a aplicação, não foi aplicado obrigatoriedade de respostas nas questões, ficando assim algumas questões sem serem respondidas por participantes que não se sentiram a vontade para responder.

O questionário foi disponibilizado através de link nas redes sociais, a qual era acompanhado do convite a participar da pesquisa (Apêndice B). No convite constava a minha apresentação enquanto pesquisadora, do curso e campus a qual faço parte e apresentação da pesquisa, enfatizando que para compor a amostra seria necessário ter cursado uma graduação na Paraíba e passado por gestação e/ou puerpério ao longo do curso entre os anos de 2015 e 2022.

O link do convite e questionário foi divulgado através do whatsapp, grupos de estudos, Instagram pessoal e facebook. Cabe mencionar que minhas amigas e orientadora também ajudaram a divulgar o link em grupos e/ou conhecidas que poderiam fazer parte da amostra.

Mesmo com muita movimentação houve grande dificuldade na composição da amostra. Então para ser mais acessível, o questionário foi aberto para todo o Nordeste, o que contribuiu para aumentar um pouco mais a amostra, que terminou com 24 casos.

2.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Devido ao baixo número de amostra obtida através da aplicação do questionário utilizado como instrumento para compreender a experiência de mulheres que se tornaram mães durante a graduação. Optou-se por expandir o corpus da pesquisa através da inclusão de análise de conteúdo a partir de redes sociais. Utilizando uma abordagem qualitativa para análise das opiniões das pessoas sobre os casos publicados.

O aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos, não obstante perderem seu caráter qualitativo quando são transformadas em dados quantificáveis, na tentativa de assegurar a exatidão no plano dos resultados (RICHARDSON, 2012, Pág 79)

Nas redes sociais foram observados casos relacionados às dificuldades de mães universitárias e apoio recebido por elas. Foram selecionadas três publicações, que traziam fotos, vídeos e comentários de apoio, discordância ou mesmo compartilhando experiências parecidas, fossem elas negativas ou positivas.

Duas publicações analisadas foram feitas no facebook e uma no instagram. Os três casos aqui reunidos, foram selecionados por se tratarem de experiências de mulheres que precisam conciliar a maternidade com atividades acadêmicas, destes, dois casos tratam o apoio de professores as alunas.

No 1º caso refere-se a professora que dispensou aluna de avaliação e a atribuiu nota máxima postagem foi realizada em uma página no facebook chamada “O lado bom das coisas”. Esta página se apresenta como site de notícias e mídia, tendo como intuito “tornar o dia de seus seguidores mais afetuoso”. A postagem em pauta, até o momento em que essa análise foi realizada em dezembro de 2022, contava com três mil curtidas, 55 comentários e 58 compartilhamentos.

O 2º caso trata-se de professor segura bebê de aluna para que ela possa assistir a aula, republicação realizada na página “O lado bom das coisas” no facebook, até a data observada (18/01/2023) tal republicação contava com 17 comentários, 41 compartilhamentos e 1,1 mil curtidas.

O 3º caso aluna é expulsa de sala de aula por estar acompanhada de sua filha, em republicação feita no instagram pelo perfil @midianinja, este caso ganhou bem mais repercussão do que os outros casos aqui abordados anteriormente, até a data observada 28/12/2022 a postagem contava com 61.882 curtidas. Esta publicação foi realizada em 23 de outubro de 2022, e até o dia observado 27/01/2023, contava com 23.096 curtidas, 1.035 comentários e quanto à quantidade de compartilhamentos não havia descrição

Em relação à quantidade de comentários analisados, no 1º e 2º casos foram analisados todos os comentários disponíveis, tendo em vista que não era uma quantidade elevada e o objetivo era ampliar a visão para um número maior de experiências. Já no 3º caso por se tratar de uma publicação com número elevado de comentários, foram selecionados 152 com critérios de reunir experiências quanto a maternidade na universidades e opiniões sobre o caso.

A leitura dos relatos em redes sociais, através dos compartilhamentos de experiências e opiniões, contribui juntamente com o questionário online direcionada a região Nordeste como uma pequena amostra da realidade de mulheres mães, que precisam conciliar diversas demandas a maternidade e a universidade.

Nos casos observados, o método utilizado para a interpretação das “falas” foi à análise de conteúdo, visto que:

A análise de conteúdo fornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação: jornais, programas de rádio, filmes, conversações quotidianas, associações livres, verbalizadas, etc. As operações da análise de conteúdo consistem em classificar os sinais que ocorrem em uma comunicação segundo um conjunto de categorias apropriadas (CARLOMAGO; ROCHA, 2016, Pág.175).

As categorias foram construídas de acordo com os relatos e opiniões dos internautas, filtrando-se comentários inicialmente nas categorias gerais de experiência negativa ou positiva. Após essa leitura inicial, foram identificados tipos de experiências como:

Mães que precisaram levar filho(a) para aula e foram expulsas, professores que acolheram mãe e filho em sala de aula, mães que desistiram do curso por falta de rede de apoio. Mães que conseguiram continuar os estudos por terem as atividades acadêmicas adaptadas a sua realidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresento algumas reflexões sobre os direitos reprodutivos e a maternidade voluntária, as contribuições do movimento feminista na emancipação das mulheres e a luta por acesso e permanência das mulheres na universidade, em especial, as mulheres que se tornaram mães durante o percurso acadêmico.

Angela Davis (2016) ressalta como é antigo o desejo das mulheres de poderem controlar seu sistema reprodutivo, destacando, por exemplo, a realidade de mulheres negras escravizadas que para serem submetidas àquelas condições de vida e, em desespero, alcançavam tal objetivo através do aborto ou infanticídio.

No caso das relações conjugais, a sexualidade e a maternidade também eram imposições. Pensar em maternidade como escolha era algo fora dos padrões e até mesmo motivo de piada em uma sociedade que acreditava que satisfazer o desejo sexual do homem é obrigação da mulher como esposa, que deve constituir família independente da sua disposição física, mental ou aspirações sociais. O conhecimento sobre ciclo reprodutivo e a recusa a ter relações sexuais com o companheiro no período fértil se tornou a primeira forma de lutar pela maternidade voluntária, que ganhou mais força quando em 1970 o movimento pelo sufrágio estava no ápice (DAVIS, 2016).

O movimento sufragista foi realizado em diversos países por mulheres, conhecidas como sufragistas, que reivindicavam o direito de votar e serem votadas. Na época, estas não tinham direito ao espaço políticos apenas aos cuidados do lar e família. A justificativa para as mulheres não serem inseridas no contexto político era que estas não eram capacidades intelectualmente para exercer funções políticas e sim dedicar-se a questões, do lar, sentimentais e morais. Tais argumentos eram fundamentados em dois filósofos Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant (CASTRO, 2021).

O movimento feminista é um movimento social e político que se expandiu por todo o mundo, protagonizado por mulheres que lutaram e continuam lutando pela equidade de direitos e oportunidades em relação aos homens. Esse objetivo depende de mudanças políticas e sociais e, em busca dele, as mulheres se organizaram de maneiras variadas, com reivindicações e estratégias cada vez mais variadas.

Um marco importante foi o iluminismo, quando o discurso de igualdade propunha substituir a noção de superioridade da nobreza e, também, ganhava força um debate sobre a questão da liberdade. Naquele momento, mulheres passam a questionar seu espaço na sociedade e os seus direitos de igualdade, como o direito ao sufrágio. Nesse sentido, a

feminista francesa Olympe de Gouges escreveu, em 1791, a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, que aborda o questionamento de que a mulher é igual em direitos ao homem devendo ser os direitos inalienáveis destinados também às mulheres. Em 1793 a revolucionária foi executada por defender seus ideais de igualdade de gênero de direito ao voto, divórcio, sexualidade, e união livre. Outra obra marcante no surgimento do feminismo foi a “Reivindicação dos Direitos da Mulher” publicada em 1722 por Mary Wollstonecraft.

Nela, a autora tratava da constituição Francesa de 1791 e defendia a igualdade entre homens e mulheres, abordando a educação formal e igualitária como ferramenta de emancipação da mulher, possibilitando a esta um novo status social, econômico e político, além de proporcionar progresso na sociedade (WOLLSTONECRAFT, 1722 apud ESTEVES, 2018).

A obra questiona também os privilégios que os homens possuem, assim como o poder que exercem sobre as mulheres - o que era defendido pelo iluminismo como algo natural - evidenciando que estes privilégios e poder estão relacionados ao contexto histórico, social e cultural, não sendo naturais.

Eis um texto escrito em fins do século XVIII que continua atual. Por sua defesa veemente da igualdade de entre os gêneros, reivindicação dos direitos da mulher pode ser considerado o documento fundador do feminismo. Publicado em 1972, em resposta à Constituição Francesa de 1791, que não incluía as mulheres na categoria de cidadãs, o livro denuncia os prejuízos trazidos pelo enclausuramento feminino na exclusiva vida doméstica e pela proibição do acesso das mulheres a direitos básicos, em especial à educação formal, situação que fazia delas seres dependentes dos homens, submetidas a pais, maridos ou irmãos (WOLLSTONECRAFT, 1722 apud MOTTA, 2016, pág. 8).

Os documentos escritos por estas mulheres não exerceram a influência que elas esperavam, mas, no século, seguinte que as mulheres se organizaram em uma primeira experiência de ação coletiva feminista, que ficou conhecida como o movimento sufragista. De início foram ridicularizadas, mas com o tempo ganham visibilidade, levando outras mulheres a reivindicarem seus direitos (ESTEVES 2018).

Ainda na primeira onda do feminismo, nos Estados Unidos, mulheres que buscavam igualdade e direito ao voto se uniram a homens que apoiavam o abolicionismo. Sojourner Truth, ex-escravizada, com seu famoso discurso feito em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio, em 1851, lançou questionamentos sobre a mulher ser um sexo frágil, e, a partir de sua condição de mulher negra, derrubou os argumentos de que o direito ao sufrágio seria incompatível com a fraqueza feminina.

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (TRUTH, 1851 apud DAVIS, 2016, pág.77).

O discurso de Truth acabou inspirando mulheres negras a se juntarem e lutarem por suas causas tendo em vista que suas demandas diferem das demandas das mulheres brancas da classe média e da elite que buscavam a princípio o direito ao sufrágio e a educação que se diferenciava a dos homens. Especialmente a partir do século XIX, com a Revolução industrial, os movimentos feministas passaram a agregar não apenas as classes altas e medias, mas também ao movimento de operárias, pois muitas mulheres passam a trabalhar nas fábricas, com jornadas mais de 12 horas por dia, porém, ganhando menos que os homens que trabalhavam o mesmo tempo (ESTEVEVES, 2018)

Entre 1960 e 1980 ocorreu a segunda onda do feminismo. Em muitos países, as mulheres haviam realizado conquistas de igualdade aos homens perante a lei, porém, na prática, não ocorria como o estabelecido. Naquele momento, estudos acadêmicos buscaram compreender a persistência da submissão das mulheres. Foi a partir do surgimento da fase contemporânea do feminismo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos pós 1968 que ocorreu a consolidação do campo dos estudos “sobre as mulheres” como eram descritos os estudos de gênero. Mas antes dessa fase, houve algumas importantes pesquisas na sociologia, como a de Madeleine Guilbert, em 1946, e sua pesquisa sobre o trabalho das mulheres. Um marco importante surgiu logo depois, em 1949, quando Simone de Beauvoir lançou “O Segundo Sexo”, com sua ideia que até hoje é discutida, a ideia de que não se nasce mulher, torna-se mulher.

Ao criticar a função da maternidade no período do pós-gerra, em que as forças conservadoras defendiam a família, a moral e os bons costumes, as teses desse livro sobre liberdade sexual e libertação da prática da contracepção e do aborto podem ser consideradas um marco da passagem do feminismo igualitarista, no molde sufragista, para a fase do feminismo centrado na mulher-sujeito, criando os elementos necessários para a politização das questões privadas (SCAVONE, 2008, pág. 176).

A base destas produções científica é a história de luta feminista, contextualizada com as transformações na sociedade, políticas sociais e econômicas. Que deram visibilidade as questões de gênero nos diferentes campos sociais, saúde, trabalho, política, educação, corpo, família, cultura e etc. abordando questões como a ausência das mulheres na política, o acesso a educação escolar, a violência doméstica entre outros.

A considerada terceira onda do feminismo ocorreu a partir de 1990, ressaltando ainda mais a ideia de diversidade feminina e suas demandas específicas, se desenvolvendo mais forte os movimentos feministas de classe, sexualidade e movimento negro. Hoje, é possível identificar várias vertentes que foram se formando ao longo do tempo, como o movimento feminista liberal, radical, marxista e o feminismo negro (ESTEVEES, 2018).

De acordo com Hooks (2018), a equidade de gênero inclui o direito de as mulheres escolherem se e como vão se relacionar sexualmente com quem e quantas vezes desejarem. Esse é um assunto que, além de romper com a ideia de que as mulheres são apenas reprodutoras, traz a discussão também da gravidez indesejada, evidenciando a necessidade de métodos contraceptivos seguros e a legalização do aborto.

Vale mencionar que, desde o desenvolvimento da pílula anticoncepcional na década de 1960, a vida sexual de muitas mulheres tornou-se mais suave. Assim como, o aprimoramento do preservativo com material em látex, que além de ajudar na prevenção de uma gravidez indesejada, também previne contra doenças sexualmente transmissíveis (ALVES, 2018).

O controle de natalidade responsável tornou a vida das mulheres mais suave, dando a liberdade de se relacionarem sem obrigatoriamente terem filhos ou se casarem por receio de uma gravidez solo, desafiando o pensamento cristão fundamentalista de que o propósito de toda mulher é ser mãe e formar família.

Mas, para que seja realmente possível o amor livre, antes de mais nada é preciso que as mulheres tenham acesso a métodos contraceptivos eficientes e seguros como também ao aborto. O aborto legalizado não significa que toda mulher irá abortar, mas que aquela que deseje tenha seu direito de escolha respeitado. O aborto realizado de forma segura é mais acessível para mulheres de classe privilegiada, e não ter esse direito assegurado pelo Estado resulta em muitas mulheres sem poderes aquisitivos arriscando-se e até mesmo morrendo em abortos clandestinos.

O movimento antiescolha é fundamentalmente antifeminista. Enquanto é possível que mulheres escolham individualmente jamais fazer um aborto, ser fiel às políticas feministas significa que ainda assim são pró-escolha, que apoiam o direito que as mulheres que precisam abortar tenham direito de escolher se vão ou não fazê-lo. (HOOKS, 2018, pág.44).

O fato de não ter esse direito financeiramente assegurado pelo Estado resultou em muitas mulheres sem poderes aquisitivos arriscando-se e até mesmo morrendo em abortos clandestinos. Infelizmente, a realidade de hoje é que o aborto realizado de forma segura é acessível para mulheres de classe privilegiada.

Ainda neste contexto é válido citar que a mulher desde há muito tempo enfrentado empecilhos que continuam existindo para os direitos reprodutivos no Brasil, a começar pela falta de acesso à contracepção e à educação sexual.

No Brasil o aborto de acordo com o Decreto-Lei nº 2.848, artigos 124 e 128 do Código Penal, é considerado crime contra a vida. Entretanto, a interrupção da gravidez pode ser permitida e assegurada sua realização pelo governo gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) a partir de duas condições: quando põe em risco a vida da mulher ou quando a gestação foi resultante de um estupro. Outra condição que permite o aborto é quando o feto for anencefálico (BRASIL, 1940).

De acordo com Rocha (2020), a questão do aborto foi e é importante para as mulheres. É um assunto que gera grandes embates e uma verdadeira cruzada moral entre o movimento pelo direito das mulheres acerca de abortarem detendo o controle de seus corpos e o movimento antiaborto. Apesar dos posicionamentos manifestados por várias instituições de naturezas diferentes sobre legalização do aborto, as instituições religiosas, em sua maioria, ainda perpetuam o discurso de oposição ao aborto, mas vale destacar que apesar da grande influência de líderes religiosos contra, o movimento antiaborto é estruturado pelo conservadorismo. Portanto o movimento antiaborto por ser um movimento conservador que conta com apoio daqueles que não necessariamente se opõe ao aborto por uma questão de crença religiosa.

Mais uma vez, é importante dizer que a defesa de educação sexual, acesso a contracepção e aborto não significa ser contra a família ou a maternidade, mas defender o direito de as mulheres serem mães apenas se e quando quiserem. A maternidade voluntária é um grande símbolo de poder para a mulher, pois torna possível ser planejada, pensada em prazo para que a mulher possa buscar livremente suas aspirações, que podem ou não incluir filhos.

Mesmo quando a gravidez é desejada, uma sociedade patriarcal faz com que esse desejo seja acompanhado por muitas cobranças e culpas sobre as mulheres. Quando sua ocorrência acontece no percurso de carreira acadêmica, pode levar a dificuldades para continuidade dos estudos, devido à vida de dupla ou tripla jornada que sobrecarrega. O cuidado com os filhos, atividades do lar, atividades acadêmicas, trabalho, dificuldade financeira, problemas psicológicos, depressão e a falta de apoio familiar são alguns dos fatores que podem culminar na interrupção dos estudos.

A ideia de que por naturalidade os cuidados com a prole é algo que deve ser quase que exclusivo da mãe, assim como os intermináveis afazeres domésticos como: limpar a casa,

cozinhar, lavar roupas, passar, fazer as compras entre outras tantas consideradas como responsabilidades apenas das mulheres, aumenta ainda mais a pesada carga mental e física destas mulheres que tentam dar conta de todas essas demandas. Atividades que segundo Hooks (2018) ninguém as percebem a menos quando não são realizadas, atividades repetitivas e improdutivas, que quase sempre não é reconhecido no interior da família.

O companheirismo no casamento é fundamental para um relacionamento respeitoso, feliz e duradouro. Quando não há presença de crianças no casamento é mais provável que as mulheres consigam alcançar suas aspirações profissionais. Porém quando estas se tornam mães, ficam sujeitas a realizar atividades que a sociedade patriarcal pressupõe como responsabilidades que devem ser direcionadas as mães. E assim quase sempre a equidade de gênero é inalcançável.

De acordo com Hooks(2018), a crítica feminista sobre ideia da maternagem como propósito de autorrealização da mulher, ocasionou mudanças sobre o modo de pensar o casamento. A discussão sobre a importância da paternagem aponta benefícios não sobre a equidade de gênero, mas também no bem-estar dos filhos.

A autossuficiência financeira é uma das condições que pode ajudar às mulheres no processo de libertação da dominação masculina.

Sabemos sem dúvida, que se uma mulher é economicamente autossuficiente, ela é mais propensa a terminar um relacionamento cuja norma seja a dominação masculina, quando escolhe libertação. Ela sai porque pode” (HOOKS, 2018, pág. 64).

É por isso que as políticas de públicas de distribuição de renda e de geração de oportunidades econômicas para mulheres podem ser também instrumentos de combate à violência contra a mulher e às relações abusivas.

No Brasil, temos o Programa Bolsa Família, que se configurou como importante estratégia de enfrentamento à pobreza do país. Por conceder o auxílio para as famílias na conta das mulheres, essa política pública auxiliou também de empoderamento das mulheres, gerando autonomia econômica e autoestima, possibilitando um planejamento do uso do recurso de forma favorável as necessidades primárias da família (MOREIRA, et al., 2012).

O programa favoreceu também para separações de mulheres em relacionamentos abusivos, como apontou a pesquisa de Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social, segundo a qual, o bolsa família coopera para autonomia, autoestima e empoderamento das mulheres beneficiárias (MOREIRA, et al., 2012).

Ser beneficiária do programa não significa que as mulheres irão viver apenas deste suporte, e sim que terão um apoio enquanto não conseguem outras fontes de renda que garantam o sustento da família, ou mesmo como complemento dos gastos caso realize algum trabalho eventual.

Se inserir no mercado, não basta, pois, como afirma Hooks (2018), o trabalho não garante a liberdade da mulher, mas sim a autossuficiência. Além disso, há muitos tipos de trabalho e nem todos terão boa remuneração ou horários flexíveis.

A consolidação e expansão do lugar das mulheres no mercado de trabalho, proporciona a elevação da autoestima através do sentimento de participação ativa na comunidade, assim como conforto com a divisão das atividades ao passo que, em casa sozinha, ela é responsável pelas atividades para tornar o lar um local confortável para a família, e, como resultado dessas intermináveis demandas, muitas vezes acaba ficando isolada.

Como afirma Hooks(2018), para que a mulher alcance plenamente sua autoestima e o autorrespeito, faz-se necessário receber um salário digno e realização de programas de trabalho compartilhado. Sendo, na maioria dos casos, por meio dos estudos acadêmicos que diversas mulheres procuram alcançar sua realização profissional mediante inserção e crescimento no mercado de trabalho.

A inserção nos estudos proporciona principalmente a população da camada desfavorecida uma maior probabilidade de alcançar uma melhor qualidade de vida. Entretanto, a evasão escolar ainda possui um índice elevado principalmente durante a adolescência período de transformações físicas e formação da identidade.

Referente à evasão das meninas durante este período, um dos principais fatores é a gravidez na adolescência, mas vale ressaltar que além da gravidez outras condições que podem levar a evasão, por exemplo, as condições socioeconômicas, ambiente e cultura em que estão inseridas. Como apontado no trecho abaixo:

Nesse sentido, conclui-se que a condição social da adolescente é um fator com maior força para o abandono escolar do que a própria gravidez, visto que esta se apresentou apenas como um evento constituinte do ciclo. Assim, reafirma-se a importância de manter a jovem mãe na escola no sentido de interromper o ciclo vicioso: pobreza – gravidez – abandono escolar – pobreza (SOUZA et al., 2018, pág.167)

Conforme observado, a evasão por gravidez na adolescência está estreitamente ligada às condições financeiras a qual vivem estas jovens, quando jovens mães de classe

desfavorecidas. Conciliar maternidade e estudos não é uma tarefa fácil e torna-se ainda mais difícil quando a mãe não possui uma rede de apoio com quem possa contar e viva em condições financeira desfavorável. Realidade não só de jovens adolescentes, mas também de mulheres adulta que desejam seguir nos estudos acadêmicos.

Assim, embora o acesso à educação não seja suficiente para eliminar as desigualdades de gênero, as conquistas históricas nesse sentido são dignas de destaque.

3.1 LUTA DAS MULHERES POR ACESSO À EDUCAÇÃO

A socióloga e professora Renata Esteves, em seu canal “Se Liga” no youtube, afirma que foi a partir do surgimento da fase contemporânea do feminismo, principalmente na Europa pós 68 e Estados Unidos, que ocorre a consolidação do campo dos estudos “sobre as mulheres” como era descrito os estudos de gênero. Mas, antes dessa fase, importantes pesquisas na área da sociologia foram realizadas, dentre elas os escritos de Madelein e Guilbert, em 1946. Em 1949, na Filosofia e na Literatura que Simone de Beavouir com seu livro O Segundo Sexo da partida aos estudos de gênero com sua ideia que não se nasce mulher, mas se torna mulher, discutida até os dias atuais (ESTEVES, 2018).

Ao criticar a função da maternidade no período do pós-gerra, em que as forças conservadoras defendiam a família, a moral e os bons costumes, as teses desse livro sobre liberdade sexual e libertação da prática da contracepção e do aborto podem ser consideradas um marco da passagem do feminismo igualitarista, no molde sufragista, para a fase do feminismo centrado na mulher-sujeito, criando os elementos necessários para a politização das questões privadas (SCAVONE, 2008, pág. 176).

A produção científica é a história de luta feminista, contextualizadas com as transformações na sociedade, políticas sociais e econômicas. Que deram visibilidade as questões de gênero nos diferentes campos sociais, saúde, trabalho, política, educação, corpo, família, cultura e etc. abordando questões como a ausência das mulheres na política, acesso a educação escolar, violência doméstica entre outros (ESTEVES, 2018).

Mary Wollstonecraft em sua obra “Reivindicação dos Direitos da Mulher” publicada em 1792 em questionamento a constituição Francesa de 1791, a autora defende a igualdade entre homens e mulheres, abordando a educação formal e igualitária como ferramenta de emancipação da mulher, possibilitando a esta um novo status social e econômico e político, além do progresso na sociedade. A obra questiona também os privilégios que os homens

possuem, assim como o poder que exercem sobre as mulheres defendidos pelo iluminismo como algo natural, evidenciando que estes privilégios e poder estão relacionados ao contexto histórico, social e cultural e não natural.

Eis um texto escrito em fins do século XVIII que continua atual. Por sua defesa veemente da igualdade entre os gêneros, Reivindicação dos direitos da mulher pode ser considerado o documento fundador do feminismo.

Publicado em 1792, em resposta à Constituição Francesa de 1791, que não incluía as mulheres na categoria de cidadãs, o livro denuncia os prejuízos trazidos pelo enclausuramento feminino na exclusiva vida doméstica e pela proibição do acesso das mulheres a direitos básicos, em especial à educação formal, situação que fazia delas seres dependentes dos homens, submetidas a pais, maridos ou irmãos (WOLLSTONECRAFT, 2016, pág. 8).

O acesso das mulheres à educação foi uma das principais conquistas feministas no último século, a partir dela conseguiram eliminar e reverter este hiato de quanto ao nível de escolaridade (PEREIRA, 2017).

Donas de casa, mães e esposas. Por muito tempo, estas eram as únicas posições permitidas às mulheres ocupar. Destarte, essa educação apenas dizia respeito ao fato de que a mulher deveria saber conversar, ler e escrever, já que continuaram a ser submissas ao marido, cuidando da família e do lar.

[...] a educação das mulheres deve estar vinculada à dos homens. Agradar-lhes, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando crianças, cuidá-los quando maiores, aconselhá-los, fazer-lhes agradável e suave a vida, são as obrigações das mulheres em todos os tempos, e isto é o que, desde sua infância, deve ser ensinado a elas. (ROUSSEAU, 1995, p. 444).

Contrariando essa naturalização da subordinação feminina, a educação feminina foi o aporte primário para sair do aprisionamento do espaço privado, inclusive porque a independência intelectual é um importante passo para exercer a cidadania. Não é à toa que, após a criação de colégios mistos e da possibilidade de as mulheres cursarem o ensino superior, a busca pelo sufrágio universal se torna cada vez mais debatida (PEREIRA, 2017). Nesse sentido, o acesso das mulheres à educação foi uma das principais conquistas feministas no último século, a partir dela conseguiram eliminar e reverter este hiato quanto ao nível de escolaridade.

Com relação à situação brasileira, de acordo com Carla Bassanezi Pinsky e Jaimes Pinsky (2007) no Brasil foi assegurado por lei o direito do acesso de meninas ao ensino escolar apenas em 1827. Em 1879, garantido o ingresso a universidades. Porém, a inserção se dava de forma tímida, tendo em vista que a viabilidade de ingresso nos estudos era para aquelas que pertenciam às famílias que possuíam maior poder aquisitivo. Apesar do direito ao

acesso aos estudos, os ensinos e formações não eram distribuídos de forma igualitária para ambos os sexos.

Em 1881, o Liceu de Artes e Ofícios direcionava a instrução feminina para o aperfeiçoamento do papel da mulher exemplar como esposa filha e zeladora do lar e, em 1911, a lei que criou as escolas profissionais determinava que o ensino de artes e ofícios fosse dedicado ao sexo masculino e para as meninas formações direcionadas a economia doméstica e prendas manuais, havendo muito preconceito com mulheres que aspiravam uma formação de nível superior.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação passou a ser um direito de todos e um dever do Estado e da família, o que se alinhou às reivindicações de mulheres de luta em prol da educação com qualidade, devendo ser incentivada e promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Atualmente as mulheres são maioria a ingressar nas universidades brasileiras, porém no mercado de trabalho, quem predomina nos cargos mais prestigiados são os homens. Segundo levantamento do IDados, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a desigualdade salarial persiste (IBGE, 2020).

Mesmo ocupando os mesmos cargos, áreas de atuação e nível de escolaridade, as mulheres ainda estão em desvantagem: elas recebem 78% do que os homens ganham. É o que mostra a Síntese de Indicadores Sociais (SIS), divulgada pelo IBGE. O levantamento foi feito com base nos dados da PNAD entre 2012 e 2020 (IBGE, 2020)

A pesquisa aponta também que apesar do crescimento de vagas de emprego, as mulheres possuem alto índice de desemprego, que a paternidade não pesa muito sobre os homens sendo assim para eles é possível ocupar cargos mais elevados, ao passo que mulheres que são mães, por sua dupla ou tripla jornada estão sujeitas a aceitarem empregos desgastantes e de remuneração precária.

No Brasil é significativo o índice de abandono e evasão escolar, por jovens de ambos os sexos podendo ser vários os motivos, entre eles: desmotivação, a falta de apoio familiar, dificuldades financeiras, sentimento de não pertencimento ao meio escolar, gravidez, etc.

De acordo com números reunidos pela PNAD observados no estudo sobre o cenário de exclusão do Fundo das Nações Unidas, nota-se que, dos 4 aos 17 anos de idade, nos quais o acesso a escola é obrigatório que, os meninos são maioria a não terem acesso ao ensino escolar, tendo 10% de ausência a mais que as meninas nessa faixa etária. Já entre adolescentes

de 15 a 17 anos as meninas são maioria a estarem fora da escola no período do ensino médio (IBGE, 2020).

É importante destacar que é na adolescência que este problema se intensifica e os motivos para o abandono dos estudos seguem um padrão: entre os meninos a motivação se dá pela inserção no mercado de trabalho e entre as meninas a gravidez é um dos principais aspectos para se evadir.

3.2 ENSINO SUPERIOR E MATERNIDADE

A maternidade é uma condição que também está presente como motivo de algumas estudantes universitárias demorarem mais que o esperado para concluírem seus estudos acadêmicos, por terem que associar atividades acadêmicas aos cuidados com a prole, em alguns casos chegam até a desistir do curso. São variados os aspectos que dificultam a formação destas mães universitárias, a saber: a falta de uma rede de apoio, instabilidade financeira, violências institucionais, sobrecarga mental, acúmulo de responsabilidades, depressão entre outros. (OLIVEIRA, 2019)

Há uma normalização de que os cuidados dos filhos é algo que deve ser quase que exclusivo da mãe, cabendo ao genitor sua participação em forma de “ajuda” desvinculando-o dessa obrigação. Portanto, para as mães buscar a profissionalização através dos estudos torna-se um grande desafio. Recai sobre elas o peso que a sociedade lhes impõe de serem cuidadoras exclusivas da sua prole e com isto abrir mão do propósito de se profissionalizar e se dedicar apenas aos seus papéis de mães.

Um dilema para as mulheres que desejam seguir carreiras acadêmicas ou profissionais, devido à sobrecarga de responsabilidades às quais ficam expostas incluindo os cuidados com a prole. Mesmo que haja alguma divisão de atividades os cuidados com o filho(s) em grande parte fica por conta da mãe. Isso acontece porque há uma normalização de que os cuidados dos filhos é algo que deve ser quase que exclusivos da mãe, cabendo ao genitor sua participação em forma de “ajuda” (termo que já o desvincula da noção de obrigação). Portanto, para as mães, buscar a profissionalização através dos estudos torna-se um grande desafio. Recai sobre elas o peso que a sociedade lhes impõe de serem cuidadoras exclusivas da sua prole e com isto abrir mão do propósito de se profissionalizar e se dedicar apenas aos seus papéis de mães.

Não ter com quem deixar o filho ocasiona em ter que levá-lo para a instituição de ensino, e, na maioria delas, não há um espaço preparado para isto, podendo acarretar em

constrangimento para a mãe e filho, como em um caso de grande repercussão que ocorreu em 2018 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na ocasião, uma universitária foi impedida por um professor de assistir as aulas acompanhadas de sua filha de cinco anos e o caso viralizou nas redes sociais a partir de registros realizados por colegas de sala:

Ela levantou para pegar um estojo que tinha caído no chão com os lápis de cores que ela tava desenhando, quando ela sentou ele disse que se eu quisesse trazê-la pra universidade eu deveria colar ela na cadeira, com fita, com cola, com durepox com qualquer coisa que fosse. (G1, 2018)

Em entrevista realizada pela rede Record, o professor nega ter expulsado mãe e filha da sala de aula.

Eu a procurei e no corredor fora da sala de aula para lembrar que da minha parte não parecia razoável que uma criança de cinco anos primeiro estivesse escutando aqueles conteúdos e depois pela impertinência da presença de uma criança que distrai a turma. (G1, 2018)

O caso gerou grande repercussão nas redes sociais e na imprensa. Segundo o site Justiça Potiguar, depois de diversos protestos por parte de estudantes que paralisaram as aulas da disciplina por duas semanas, o professor sofreu algumas sanções e processos institucionais, chegando a ser afastado das salas. Pouco mais de um ano depois, a justiça potiguar se posicionou pela sua indenização, em razão de danos morais, a ser paga pela universidade e pelo chefe do Departamento de Ciências Sociais (JUSTIÇA POTIGUAR, 2019).

Infelizmente, este não é um caso isolado em que mães estudantes acompanhadas de seus filhos vivenciam constrangimentos, promovidos por aqueles que muitas vezes espera-se que oferte incentivo e apoio por sua condição de docente. Entretanto, violência assim explícita ou mesmo sutis, são situações corriqueira na vida de muitas mães estudantes, seja estas realizadas por docente ou colegas da instituição.

Apesar das universidades não impedirem ativamente o acesso das alunas com seus filhos na instituição, faltam ações que permitam a permanência destas nos estudos. Ter acesso ao ensino superior para mulheres mães não é suficiente para garantir sua permanência nas atividades acadêmicas, além das dificuldades de ter com quem deixar os filhos para estudar, há outros tipos de dificuldades que interferem no seu desenvolvimento entre eles: adequação aos horários e prazos, as consequências da privação de sono, os impactos fisiológicos de fadiga, estresse, variações hormonais e etc.

Daí a necessidade de entender as dificuldades vivenciadas por essas estudantes para que se possam fundamentar propostas que impulsionem a equidade no sistema educacional.

3.3 UNIVERSIDADE ACESSO E PERMANÊNCIA

A universidade além de formar profissionais capacitados possui um importante poder de inclusão, acessar esse espaço para a população pobre da nossa sociedade, já foi uma verdadeira utopia, mas hoje após lutas e conquistas de políticas públicas esta realidade se tornou possível. Entretanto, acessar não significa permanecer e concluir o curso. Os motivos de não chegar ao “sucesso” variam e entre eles podem ser: problemas financeiros, deslocamento, ou uma rede de apoio para ajudar nos cuidados com os filhos como no caso de mães e pais universitários.

É notório o crescimento da população em situação de vulnerabilidade, desprovidos de capital cultural, econômico e social acessando as universidades, principalmente as mulheres, entretanto por trás desse ingresso existe para grande maioria um desgaste intenso físico e mental. Esse desgaste torna-se maior entre as mulheres que precisam conciliar estudo, trabalho e atividades domésticas. Elas que são conscientes de seus desafios, mas que não abrem mão de alcançar sua formação acadêmica e ter uma melhor qualidade de vida através de empregos de prestígio e com melhor remuneração.

O espaço e o tempo destinados aos estudos são aqueles ajustáveis ao possível. As obrigações escolares são feitas “quando dá” e na medida do possível, em grande parte, no próprio espaço universitário. Não existe planejamento de longo prazo, de forma que nem elas mesmas se apercebem de que aquela ação emergencial por elas empreendida é, de fato, uma estratégia de estudo. Estudam na biblioteca, na cantina (enquanto lancham), em alguma sala de aula vazia ou em sua própria. No ambiente doméstico, os momentos dedicados aos estudos acontecem nos finais de semana (dividindo tempo-espaco com os afazeres domésticos) ou, nos dias úteis, nos horários em que a família está dormindo (CONTRERA; PORTES, 2012. Pág.17).

Alguns dos fatores que podem auxiliar estas mulheres a alcançarem o sucesso acadêmico são o apoio familiar e uma equilibrada divisão do trabalho doméstico no seu lar. Essas condições, porém, entram em conflito com nossa sociedade, devido à lógica patriarcal de que o lugar da mulher seja no lar cuidando do cônjuge e filhos, condição esta que gera em muitas mulheres além do cansaço físico e mental, o sentimento de culpa, por destinar parte de seu tempo a estudar ao invés de realizar alguma atividade doméstica, por exemplo, sentimento esse que, com o passar do tempo, pode se tornar uma ansiedade ou depressão.

O comportamento de acomodação masculina em relação às atividades do lar e compartilhamento da responsabilização dos filhos vai além de um querer individual, é uma postura incentivada pelo sistema patriarcal, encarada pela maioria dos homens como algo natural apenas porque nasceram homens e ir contra esses padrões seria como ferir sua masculinidade.

Para as mulheres mães universitárias profissionalizar-se através dos estudos, para conseguir um bom emprego é mais acessível quando o cuidado com o filho é dividido com o genitor, independentemente de estarem juntos como um casal ou separados.

Mas além da busca da conscientização da paternagem¹ não ser muito exercida e até mesmo aceita em nossa sociedade, também leva-se em conta que a forma como o trabalho é estruturado torna-se um obstáculo para os pais mesmo que queiram ser mais participativos nos cuidados com o filho. A divisão do cuidado com a prole além de contribuir com a equidade de gênero proporciona à criança uma melhor qualidade de vida.

[...] quando casais se esforçam para manter a equidade em todas as esferas, principalmente no cuidado das crianças, isso pode se tornar realidade; entretanto, a questão central é trabalhar com dedicação. E a maioria dos homens não escolheu trabalhar com dedicação no cuidado das crianças. (HOOKS, 2018, pág. 87).

O movimento feminista chama a atenção de como a paternagem é importante no relacionamento com os filhos e entre companheiros, pois a equidade de gênero permite a ambos de afirmarem-se. Entretanto, não é uma ideia muito aceita em nossa sociedade se falar ou pensar no homem contribuindo nas execuções das atividades do lar e cuidados com o filho para que a mulher possa trabalhar fora de casa, pois perpetua-se para se assegurar o sexismo que a mulher efetua melhor que os homens essas demandas.

A falta de uma rede de apoio, seja ela parental ou de amigos, resulta muitas das vezes na mãe universitária ter que levar o filho junto a ela no horário de aula, mas a maioria as universidades não possui um espaço para receber adequadamente os filhos dessas alunas (ou possui com pequeno número de vagas). Sobre isso, Gaspary (2019), realizou uma pesquisa com o objetivo investigar a experiência das mulheres com filhos em idade pré-escolar na Universidade, seja como estudantes ou professoras universitárias. A pesquisadora buscou identificar algumas das formas como a maternidade e as relações de gênero, assim como o acesso a serviços de educação infantil, incidem nas suas vidas pessoais e profissionais. Entre os resultados, percebeu violências institucionais e de gênero sofridas por essas mulheres em decorrência da maternidade. Foram entrevistadas 7 mulheres com filhos em idade pré-escolar e vinculadas a alguma Universidade, sendo duas professoras universitárias, uma estudante pós-graduação e quatro estudantes de graduação. Ficou evidenciado em vários relatos das entrevistadas, que as mulheres se sentem sobrecarregadas com tantas demandas a serem cumpridas e cobrada delas.

¹ O termo aqui empregado está de acordo com RAMOS, 2011 vincula-se ao campo afetivo e emocional. Ao ato de paternar.

Tem algo que tá sendo bem falado que é a questão da carga mental, que eu sinto que acaba sendo mais das mulheres mesmo acho que as mulheres acabam se encarregando de uma parte que não é medida na agenda semanal, mas de um pensamento mais global da criança que eu acho que os homens ainda temesse passo a dar e a gente também de conseguir identificar isso e não tomar tanto pra gente e conseguir compartilhar um pouco mais(...) (ENTREVISTADA, 2019 apud GASPARY, 2019, pág. 13)

O desamparo institucional é marcante nos relatos das mães estudantes: a falta de flexibilização na entrega de suas atividades ou um novo agendamento para entrega por necessidade de ausência para cuidar do filho; auxílio financeiro (para as mães professoras existe uma auxílio de R\$300,00). Apesar de as universidades não impedirem ativamente o acesso das alunas com seus filhos na instituição, faltam ações para protegê-las quando precisam levar a criança para a sala de aula. O peso da responsabilidade dos cuidados com os filhos que recai sobre a mãe dificulta a inserção acadêmica, de forma que não ocorre da mesma forma com o genitor.

Em algumas universidades, formam-se coletivos de mães, como uma rede de apoio mútua, onde as mães se unem para se auxiliarem para concluírem o curso. Um desses casos ocorreu na Universidade Federal Fluminense, cujo coletivo se estruturou em três fases: a primeira com seu surgimento em 2016 a partir de um evento realizado no campus de Gragoatá “Roda de conversa: Mães e universidade Combinam?”, iniciada por uma aluna que estava grávida e foi solicitada a se retirar da moradia estudantil, devido às normas da instituição.

A segunda fase busca ampliação, reconhecimento, consolidação e a busca por um diálogo mais direto do coletivo com a instituição e a terceira fase buscou a interação com outros coletivos de universidades federais, sendo marcada por cobranças de que políticas fossem efetivadas (OLIVEIRA, 2019).

De acordo com pesquisa realizada por Oliveira (2019), o coletivo de mães da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de buscar soluções efetivas que viabilizem a permanência, retorno e ingresso de mães nos estudos acadêmicos, propunha também ser uma espécie de ponte de diálogo com a universidade. Na busca de que a instituição implementasse medidas institucionais que favorecesse as mães universitárias, tal como a existência de um espaço que acolha seus filhos, porém a burocracia existente para realizar requerimentos, bem como para instituir alguma medida reivindicada, exauriu as mães que se propuseram a trabalhar em prol do coletivo. Assim, a demora no atendimento acabou por causar descrença em sua efetividade como tal, o que causa frustração e desânimo entre as integrantes e falta na boa vontade da instituição, uma vez que estar à frente do coletivo é uma tarefa desgastante e por vezes solitária.

É notável que a formação dos coletivos para mães universitárias é uma ação que muito vem a somar na vida destas, porém, sem o apoio das instituições para junto buscar formas de ajudá-las a se manterem nos estudos, fica difícil de levar adiante. É preciso que exista um suporte para estudantes mães, como flexibilidade na entrega de atividades, negociação quanto à necessidade de se ausentar para se dedicar aos cuidados com filhos como levá-los ao médico, por exemplo, além de espaços voltados para as crianças, onde as mães possam deixar seus filhos enquanto assistem aulas, como por exemplo uma Ludoteca e área de descanso.

Sabemos que não há um impedimento indireto da entrada de universitárias com seus filhos nas instituições acadêmicas, mas falta de ações que permitam a permanência destas nos estudos. É importante que se pense na permanência dessas mulheres no espaço acadêmico e afirme que a universidade também deve ser lugar para mães de filhos pequenos elaborando políticas de equidade e espaços para demandas dessas mulheres.

3 APRESENTAÇÃO DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme explicado na metodologia, o questionário foi o instrumento escolhido para compreender a experiência de mulheres que se tornaram mães durante a graduação. Apesar da busca ativa em redes sociais, grupos de whatsapp e bola de neve, obtivemos um baixo número de respostas, por isso optamos por expandir o *corpus* da pesquisa incluindo uma análise de conteúdo a partir de redes sociais. Começaremos a expor os resultados com esses dados mais gerais, que fornecem experiências e opiniões não apenas de mães que fizeram ensino superior no Nordeste, como também em outros lugares do Brasil, além de opiniões de outras pessoas sobre a relação entre maternidade e universidade.

4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS

Além dos dados gerados pelo questionário, também foram inseridos na pesquisa os relatos e opiniões de mulheres e homens que se expressaram em publicações sobre a inclusão ou exclusão de mães na universidade, conforme explicitado no tópico metodológico. Nesse caso, não é possível traçar um perfil claro, mas, dado o tipo de publicação e de comentário, é provável que se trate majoritariamente de pessoas jovens. Além disso, a maior parte dos 172 comentários analisados foi feito por perfis com nomes femininos (136 do total).

4.1.1 A experiência de ser estudante e mãe: relatos e opiniões em redes sociais

Foram observadas nas redes sociais, facebook e instagran, postagens que tiveram significativa repercussão, sendo elas: A não aceitação de mãe estudante com bebê no colo em sala de aula; um caso dispensa de atividade avaliativa e um caso de acolhimento de bebê por parte de docente. As postagens eram compostas por fotos, vídeos e comentários de apoio, discordância ou mesmo compartilhamentos de experiências com o tema, sendo elas negativas ou positivas.

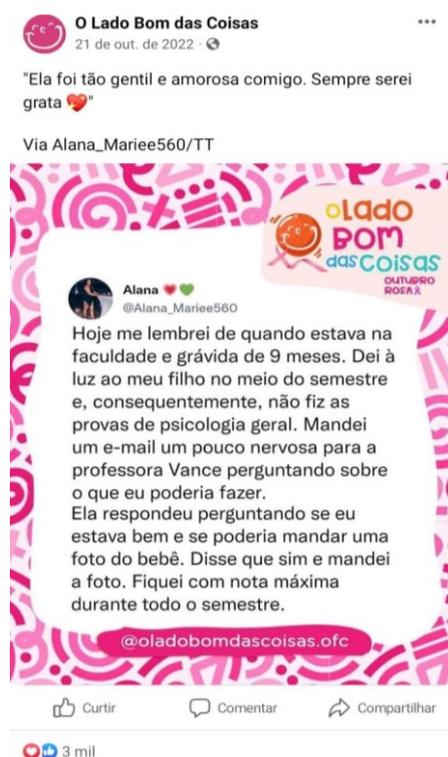
Para cada publicação, foram analisados os comentários espontâneos sobre posicionamento de professores, coordenação e rede de apoio. As experiências mais abordadas tratavam do período de puerpério e da presença de criança em sala de aula. Em todos os casos, classificamos as experiências como negativas ou positivas quanto ao acolhimento à mãe e, em seguida, classificamos os casos de experiência positivas em: flexibilização de prazos, compreensão por falta ou atraso, adaptação de trabalho ou avaliação, dispensa de trabalho ou

avaliação, apoio emocional, compreensão com criança em sala de aula, apoio emocional, apoio por parte de coordenação. Quanto às experiências negativas, encontramos: rigidez com prazos, rigidez por falta ou atraso, ausência de adaptação de acordo com a mobilidade da estudante, cobranças de trabalho ou avaliação, violência simbólica e assédio moral.

A primeira análise se trata da postagem em uma página no facebook chamada “O lado bom das coisas”. Esta página se apresenta como site de notícias e mídia, tendo como intuito “tornar o dia de seus seguidores mais afetuoso”. A postagem em pauta, até o momento em que essa análise foi realizada em dezembro de 2022, contava com três mil curtidas, 55 comentários e 58 compartilhamentos.

A publicação consistia no compartilhamento do relato feito no perfil do Twitter de uma pessoa identificada como Alana Marie, cujo perfil não traz muitas informações, mas fica evidenciado que não se trata de uma brasileira, e sim de uma mulher de língua inglesa. Infelizmente, publicação original não pôde ser localizada. Na republicação, feita pela página “O lado bom das coisas”, a legenda destaca um trecho do relato: “ela foi tão gentil e amorosa comigo. Sempre serei grata”.

Figura 1 - Relato de experiência positiva com avaliação



Fonte: Perfil do instagram @oladobomdascoisas.ofc²,(2022)

²Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cj_ZR3nvI6u/?igshid=YmMyMTA2M2Y. Acessado em: 27dez 2022.

Dos 55 comentários observados em 27 de dezembro de 2022, foram contabilizados: 9 relatos de experiências negativas com maternidade e universidade, 6 experiências positivas, 17 comentários sobre a atitude da professora (11 discordando e 6 defendendo), 13 comentários de apoio às mães com experiências negativas e 2 convites para participar de pesquisas

Relacionado às experiências positivas, foram observados comentários em relação ao posicionamento de professores referente a necessidades de flexibilização de prazos para mães universitárias. Foram 4 comentários de forma direta, e 2 experiências positivas de forma indireta.

(...) enquanto uma me acolheu e entendeu a ponto de me deixar entregar as atividades por e-mail fora da data (...)

Meu primogênito nasceu em março, no início do último ano do curso de psicologia. Um ano de atendimentos, supervisões e muitos relatórios - limitadíssimo de número de ausências permitidas... agendei o parto estrategicamente para uma quinta-feira pois não tinha aula na sexta, fiquei ausente na semana seguinte e depois de 09 dias de cesaria, voltei pra faculdade... Opção minha, pois neste curso não é possível se ausentar de licença maternidade no último ano, é um ano de atendimentos... Uma única professora me perguntou o que eu estava fazendo lá, e disse que eu não iria conseguir... mas 2 delas em especial tiveram um papel de acolhimento e empatia que leva minha gratidão eterna, professora Maria Tereza Campos e professora Margarida C. Mamede Mamede. Não que eu era privada de fazer as tarefas, atendimentos, entregas de relatórios, e demais atividades, mas havia sempre uma preocupação em me ouvir primeiro para caso precisasse sair (ficavam perguntando se ele não estava com fome, se não era hora de eu ir) , inclusive por diversas vezes o Pedro 'assistiu' aula enquanto mamava o tetê da mamãe. No final do ano, com toda minha dedicação, acolhimento e incentivo consegui me formar psicóloga, mostrando pra professora que disse que não conseguiria que era possível sim... Hoje meu filho já tem 16 anos e eu quase 16 de formada 🍀

De acordo com os comentários analisados e exemplos aqui citados, uma mesma pessoa pode passar tanto por experiências negativas quanto positivas, justamente porque não há orientações claras por parte das instituições de ensino e cada professor escolhe individualmente como agir. Há professores que compreendem a necessidade de adaptações nas realizações de atividades ou mesmo nos prazos de entregas destas. Professores que, apesar da falta de preparo das universidades para acolher mulheres mães com seus filhos, apoiam estas alunas, as acolhem, afirmando com sua atitude que, para além do acesso deste perfil de estudante, é preciso auxílio para garantir sua permanência na instituição de ensino.

No que se refere a experiências negativas sobre o posicionamento de professores frente à necessidades de mães universitárias, 9 comentários foram contabilizados, sendo 6 abordados de forma direta e 3 de forma indireta. Podemos destacar os seguintes:

Eu frequentei a faculdade (Uniasselvi) até o último dia da gestação, peguei licença maternidade, mandei vários e-mail para pedir pra fazer os trabalhos em casa. O professor não respondeu, eu numa depressão fudi@ fiquei sem nota e fui até a faculdade a resposta foi, próximo semestre vc faz a matéria de novo. Muito triste quando a empatia é zero. Fico muito feliz com seu relato.

Eu tive meu filho no meio da graduação em Pedagogia.
 Pasmem...as professoras mulheres me deram trabalhos enormes pra compensar "ausência" da minha licença maternidade.
 Uma delas me pediu praticamente 2TCC's ☐

Fico feliz de ler situações como essa pq quando eu estava grávida meu professor foi tão fdp que o estresse que ele me fez passar me fez entrar em trabalho de parto prematuro e ficar internada e eu ainda tinha que ouvir dos meus colegas "gravidez não é doença " enquanto fazia meus trabalhos morrendo de dor e com infecção urinária e explicando que não estava bem.

Percebe-se, através dos exemplos de experiências aqui citadas, que, infelizmente, nem todos os professores entendem o apoio a estudantes mães como ferramenta de incentivo ao estudo. Assim, ao invés de adaptar as atividades à realidades destas estudantes, acabam sobrecarregando-as ainda mais, dificultando o percurso de sua formação. Tais posicionamentos e negações de auxílio podem não só dificultar a formação destas estudantes, mas contribuir com o desgaste físico e mental, além de perpetuar violência simbólica de gênero.

Foi observado também 11 comentários que discordam de forma direta da atitude da professora citada na postagem, e 6 que se opõem diretamente as críticas direcionadas a professora.

O gesto humanamente é lindo mas racionalmente é horrível, a moça foi com nota máxima em uma matéria que ela nem sabe.

(...) pensei o mesmo, a não ser que ela fosse excelente como aluna e na avaliação da profa. ela pudesse fazer isso, mas mesmo assim eu passaria ao menos algum trabalho que ela pudesse fazer em casa e daria um bom prazo para entrega...

(...) a injustiça é se achar justo ou certo em relação ao problema alheio. A questão não é de empatia, mas de sororidade.

Mulheres criticam outras fortalecendo a discriminação contra si mesmas.

Nota-se que a atitude da professora de dispensar a aluna da atividade e mesmo assim avaliá-la com nota máxima, gerou discordância de alguns internautas. Porém, apesar de não ter sido evidenciado de forma direta, vale ressaltar que se discutiu também o fato da professora não ter simplesmente entregue a nota de bandeja, mas levado em conta todo o percurso de dedicação e desenvolvimento desta aluna.

Percebem-se também comentários referentes a experiências negativas sobre compreensão de professor quanto a problemas pessoais de estudantes não ligados a questões

de maternidade. Nesse tocante, observou-se 1 experiência negativa relatada de forma direta e 4 experiências positivas indiretas.

Infelizmente eu não tive a mesma empatia por parte de alguns professores durante a graduação, especialmente por parte de uma professora, na época eu fiquei desempregada a ponto de não ter dinheiro pra pagar nem a passagem pra ir à aula e aí perdi dois trabalhos e uma prova...

Mande e-mail pra uma das professoras e simplesmente ela me respondeu dizendo que não tinha nada a ver com a minha situação, ou seja, o problema era meu... E detalhe: Durante as aulas ela demonstrava ser tão acolhedora, justa... #Decepçãototal!!!

Reprovei! Lembro que estava no meio do pátio principal numa mesa com uns amigos e a professora da matéria em questão (Selma) atravessou o pátio em minha direção e me ofereceu um abraço. E disse que não sabia o que havia acontecido comigo ou o que eu estava passando, mas sabia que eu era capaz e que reprovar numa matéria não é motivo para desistir.

Pode parecer bobagem, mas pra um aluno em final de curso isso é todo apoio que se pode receber de um professor. Foi o melhor abraço de 5 anos de faculdade.

Como pode ser observado, estudantes esperam que o professor ele seja mais que um orientador no caminho da aprendizagem, esperasse que como ser humano seja compreensível nos problemas pessoais destes estudantes que não estão ao alcance de serem resolvidos no momento.

Espera-se que o professor seja mais que ferramenta de aprendizagem para sua emancipação cultural e econômica, espera-se que ele seja apoio, incentivo e compreensão. Que através de suas capacidades consiga tornar permanência e alcance do sucesso acadêmico possível.

O espaço de comentários dos internautas, também dispõe de 2 comentários divulgando convite para participar de pesquisas, 1 minha orientadora referente a pesquisa deste trabalho e 1 de uma estudante com pesquisa: A internet afeta o comportamento das pessoas? Outros 13 comentários de apoio as estudantes que tiveram experiências negativas.

Carine Seles, me dói saber que vc também não teve o apoio necessário em um momento tão difícil...

Só peço a Deus para que se um dia eu me tornar professora, que eu saiba acolher/@judar os meus alunos no momento em que mais precisarem...

E como está o seu filho hoje? Espero que esteja bem...

Carine Seles, Ah! Que ótimo!

Fiquei mais tranquila e feliz em saber boas notícias dele...

Tudo de melhor pra vcs...

Meus sentimentos pela sua perda.

A presença de divulgação de pesquisa da pesquisa aqui realizada, publicada pela orientadora, evidencia como o apoio e incentivo à estudante se faz crucial para seu

desenvolvimento acadêmico. Principalmente pela dificuldade a qual eu estava passando para conseguir informantes que pudessem participar da pesquisa, pois mesmo procurando saber de conhecidas de amigas que pudessem fazer parte, e divulgando em instagram e grupos no WhatsApp o número de amostras que conseguia reunir eram baixos.

Dado muito importante observado nos comentários para além das experiências positivas ou negativas foram os olhares daqueles que julgam a condição de se tornar mãe como uma estratégia para ser aprovada sem, necessariamente, realizar as atividades acadêmicas como os demais.

Assim fica fácil tirar nota máxima. Só parir que garante tudo, enquanto quem frequenta as aulas e se mata de estudar que se ferre.

pois é... é o fim da picada, e as outras pessoas da turma se lascando p estudar e por mérito passar de ano ou receber seus diplomas enquanto a vida de uma aluno em particular é facilitada na cara dura... me poupe! Veja que exemplo de profissionalismo....

Gerar um bebê modifica corpo e mente da mulher, então será que mulheres estão engravidando durante o percurso acadêmico como estratégia para não realizarem atividades acadêmicas como os demais? Tendo passado pela experiência, pergunto-me como alguém poderia considerar vantajosa uma estratégia que implica em meses de mudanças em seu corpo, como inchaço, enjoo, deslocamento do eixo de equilíbrio da coluna para o seu corpo poder sustentar o peso extra, etc. Mais que o corpo, trata-se de gerar uma vida pela qual irá ser responsável por anos. Obviamente, considerar que a maternidade traga facilidades é uma visão simplista e distanciada do que vivem as mulheres.

Engravidar por vezes acontece por escolha e outras não. E, engravidar durante o percurso acadêmico mesmo que por escolha, modifica todo um modo de viver da mãe universitária. Há frustrações envolvidas, principalmente quando a expectativa de conseguir conciliar sua rotina antes estabelecida com esse novo modo de viver. São diversas as demandas e necessidades: atividades acadêmicas, trabalho, casa, relacionamento e consultas de pré-natal. Principalmente depois que a criança nasce.

Ainda sobre os olhares externos outra vez ter estas demandas adaptadas a realidade da mãe universitária foi compreendida como injusto. Conforme o comentário feito por um usuário: “pois é... nem um pouco justo... o que é certo, é certo e as coisas não devem ser entregues de bandeja... isso não é empatia.(...)”.

Perante as análises aqui realizadas, será possível perceber que nada está sendo entregue de bandeja para as mães universitárias. Quando muito, há casos isolados de adaptação à realidade. Portanto, discutir essa condição e buscar adaptações não significa

querer facilidades, e sim a garantia de direitos para as mães universitárias. Trata-se de adaptações para a nova condição seja no período puerpério ou posteriormente. Essa é uma pauta necessária para que se possa falar em universidade para todos.

A segunda análise trata-se do compartilhamento do relato feito no perfil pessoal do facebook de uma pessoa chamada Sammy Dillsworth que, de acordo com as informações do perfil, frequenta Universidade Estadual de Fairmont, nos Estados Unidos. Em 18 de outubro de 2022, a estudante publicou uma foto de um professor segurando o seu bebê e o relato a seguir:

Hoje eu não tive ninguém pra tomar conta dos meus filhos pra eu poder ir a faculdade. Perguntei ao meu professor se poderia fazer online a aula, mas ele disse que não veria problema em levar as crianças. Pensei que ele estava brincando, mas não estava. Ninguém sabe o que significa ter professores que permitem crianças em aula em sala e ter amigos que te apoiam. Consegui me concentrar na aula enquanto ele a carregava. Estou tão grata por ter pessoas incríveis a minha volta que me ajudam o máximo possível.

A publicação original teve apenas 74 comentários e 561 curtidas no facebook até o dia 18 de janeiro de 2023, mas foi compartilhada 301 vezes. Na página “O lado bom das coisas” no facebook, o compartilhamento foi feito com o acréscimo da legenda “Que coisa mais linda <3 às vezes a gente só precisa de um apoio”. Até a data observada (18/01/2023) tal republicação contava com 17 comentários, 41 compartilhamentos e 1,1 mil curtidas.

Figura 2 - Relato de Sammy Dillsworth



Fonte: Página do facebook o lado bom das coisas, (2022)³

³Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/100069356259260/posts/pfbid0meRGH5W8AMswRi8R2rJisbHnT7NVuKmKy7i34MzLs1pnNgbSqvkNEJguxynnNH4Jl/>. Acessado em: 27 dez 2022.

A análise dos comentários desta página, foram constituídas pelas mesmas categorias da análise anteriormente apresentada. Porém, os comentários analisados se direcionam apenas para a categoria compreensão da presença de criança em sala de aula, acompanhado de experiências positivas de mães que vivenciaram a necessidade de levarem seus filhos para aula e de internautas que concordam e outros que discordam com este tipo de atitude. Em alguns casos, as universitárias destacam o desejo de que isso fosse possível, mas citam que não haveria possibilidade por se tratarem de cursos da área de saúde.

Dos 17 comentários observados em 18 de janeiro de 2023, foram contabilizados: 2 comentários que discordam com presença de criança em sala de aula, 3 comentários que apoiam a presença de criança em sala de aula, 8 comentários sobre experiências positivas de mães que levaram seu filho para sala de aula, 1 comentário de “apoio”, permitindo a presença da criança em sala de aula, 1 comentário relatou sobre não ser possível estudar por “filho não deixar”, 1 comentário sobre a impossibilidade de levar para a sala de aula, devido ao tipo de curso, 1 comentário instruindo as mulheres a não se relacionarem para não engravidar e assim evitar ter que levar filho para aula.

Dos 17 comentários, observou-se que 2 comentários foram discordando da presença de criança em sala de aula e 3 comentários que apoiavam a presença de criança em sala de aula.

A atitude é boa, mas não é correta!

Imagina só; três mães, cinco filhos e uma sala de aula??? Complicado... pq se uma pode, TODAS PODEM e vai que cai todas elas no mesmo dia????

Que legal ♥

Embora seja um cenário improvável, a preocupação indica a necessidade de termos investimento pública em creches e, no caso das universidades, em espaços de acolhimento para crianças.

No que diz respeito às experiências positivas sobre a presença de criança em sala de aula, observou-se 8 comentários, sendo 2 realizados por professores que afirmam permitir e 1 comentário de “apoio”, permitindo a presença da criança em sala de aula, mediante a seguinte condição: se comportada. Foram observados outros comentários conforme os trechos a seguir:

Eu levo meu sempre. Hoje já está com 23 anos mas ainda se comporta muito bem . O professor passa equações integrais. Ele adora

Eu permito sempre. E olha, todas se comportaram super bem, MELHOR que alguns adultos. E eu ainda ganho desenho que as fofuras fazem!!

Se a criança for comportada não vejo problema algum, agora a que grita faz bagunça atrapalhando a explicação aí complica, pq o direito do outro termina onde o meu começa.

Vale mencionar ainda que 1 comentário relatou sobre “filho não deixar”, 1 comentário sobre a impossibilidade de levar para a sala de aula, por se tratar de curso de medicina e haver risco. Apesar de não ter ficado esclarecido, o comentário da aluna que afirma não ser possível estudar “Tão lindo!! Mas meu filho não me deixa nem □. Imagina estudar. □□□” presumisse que seja uma mulher que não possui uma rede de apoio para poder se dedicar a algum estudo. E assim como a estudante que desejaria poder levar seu filho para a universidade, “Queria que tivesse essa possibilidade pra eu levar meu bebê ano que vem, mas na área da saúde com atendimento clínico é impossível e mega arriscado □” lamenta o espaço não ser preparado para receber seu filho de forma segura.

Entre os olhares externos, notou-se 1 comentário instruindo as mulheres a não se relacionarem para não engravidar e assim evitar ter que levar filho para aula.

Moral da história, se previnam e não saiam dando pra qualquer um sem proteção. Hoje toda mulher vem c kit completo, no mínimo 2 filhos Se tá doido.

Este comentário foi realizado por um homem, que notoriamente não possuía lugar de fala neste espaço, comentário que coopera na propagação do machismo, comentário que impõe a mulher exclusivamente o dever de se prevenir sexualmente. Tendo em vista que o mesmo fere o direito ao amor livre como afirma Hooks, privando a mulher de seu direito de fazer quanto sexo deseja e com quem desejar. É evidente que não é assim que se solucionaria esta problemática, apenas ferira os direitos reprodutivos destas que já lutaram e lutam tanto por seus direitos reprodutivos.

A terceira análise refere-se de um caso publicado pelo @portabhazparceiro do Metrópolis, em entrevista onde aluna mãe relata como foi impedida de assistir aula acompanhada de sua filha e que a mesma havia levado por não ter com quem deixar naquele dia em específico, porém segundo a professora “pessoas não matriculadas não podem ficar na sala de aula”, a estudante também afirma que a professora não lhe deu oportunidade de explicar a situação.

Esta publicação foi realizada em 23 de outubro de 2022, e até o dia observado 27/01/2023, contava com 23.096 curtidas, 1.035 comentários e quanto à quantidade de compartilhamentos não havia descrição.

Em republicação feita no instagram pelo perfil @midianinja, este caso ganhou bem mais repercussão do que os outros casos aqui abordados anteriormente, até a data observada 28/12/2022 a postagem contava com 61.882 curtidas.

O caso ocorreu na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) em 20/10/2022 a aluna do terceiro período do curso de pedagogia Laura Santos, 20 anos, precisou levar sua filha de seis meses para aula, pois o pai da criança que normalmente fica com a filha para que a mãe possa estudar precisou ficar por mais tempo no trabalho. Laura está no terceiro período do curso e afirma já ter levado a filha diversas vezes anteriormente para aula por não ter com quem deixar. A justificativa utilizada pela professora para o impedimento de Laura em sala de aula com sua filha foi que “pessoas não matriculadas não podem ficar em sala de aula”, acompanhada da representante de turma Laura foi até a coordenação conversar com o vice-diretor, que informou que não existe uma lei que impeça ou permita a presença de crianças na universidade. No entanto, mesmo com a fala do vice-diretor a professora manteve seu posicionamento, diante a situação alunos em apoio a colega combinaram em não assistir a aula se a presença de Laura e sua filha não fosse aceita na aula.

Posteriormente, outros alunos da instituição se uniram à estudante e realizaram uma manifestação a favor do direito de educação das mães matriculadas. O caso ganhou grande repercussão nas redes sociais, com vídeo que mostra mulheres com cartazes nas mãos e gritando a palavra de ordem "Ah, não vou parar. Eu tenho filho, mas eu quero estudar!".

Figura 3 - Protesto de uma mãe-universitária nas redes sociais



Fonte: Perfil do instagram @mídiaininja, (2022)⁴

Dos 152 primeiros comentários analisados, 4 eram sobre professores que expressam eu apoio as mães universitárias segurando os bebês para que as mesmas pudessem assistir a aula. Destes comentários 3 são professoras mulheres e 1 professor homem. Percebeu-se também apoio a atitude destes professores em 7 comentários que descrevem estes como pessoas humanizadas. Encontra-se também 8 comentários indicando a necessidade de as tornarem o espaço acadêmico acessível para mães com seus filhos criando políticas públicas que tornem possível a permanência destas nos estudos. Além também de seu dever de ser inclusiva expressado em 2 comentários.

⁴⁴Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CkEM77pp9U7/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acessado em: 28 dez 2022.

Destaca-se também 10 comentários de experiências positivas de mães que precisaram levar seu(s) filho(s) para sala de aula, principalmente de alunas que não falam de maneiras esclarecidas, mas pressupõe-se que além de estudarem durante o turno da noite, não possuem rede de apoio ou mesmo creche para deixarem seus filhos no horário de necessidade: “Cursei Pedagogia na UFPA, no turno da noite, e vez outra precisava levar meu filho pra aula comigo, em todas as vezes ele foi super bem recebidos por meus professores.” E quanto a mães que tiveram experiências negativas ao levarem seus filhos para sala de aula contabilizaram-se 3 comentários.

Isso já aconteceu comigo, eu desisti, eu ainda amamentava, não tinha como deixá-la, enfim, foi muito constrangimento, não houve apoio da instituição, fiquei mal, não tava mais afim de ser convidada para me retirar da sala de aula. Isso foi há 27 anos atrás, parece que não mudou muita coisa, lamentável

Embora a quantidade de experiências negativas não tenha sido maior que as experiências positivas dentro do número de comentários analisados, o que elas expressam indica que a universidade não foi um espaço pensado para todos. Que mesmo com criação de políticas públicas que ajudaram a classe pobre da nossa sociedade a ingressar no estudo superior, falta de recursos que ajudem todos a permanecerem, como casos aqui encontrados de mães universitárias que acabaram “expulsá-las” deste espaço.

Podemos compreender esta ação de mães levarem seu(s) filho(s) para aula como um modo de resistir a uma sociedade patriarcal, que deseja impor a mulher apenas funções que se destine a ser senhora do lar e zeladora da família.

Ser uma mulher destinada a atividades do lar e zeladora da família não é um problema. O problema é quando a mulher deseja ser para além destas funções ou simplesmente não querer se dedicar a elas, pois é aí que o patriarcado age contra dificultando a busca das aspirações por estas mulheres. Não promover condições para mulheres, mulheres mães permanecerem nos estudos acadêmicos corrobora com o patriarcado. Mas, por vezes, estas mulheres se energizam a continuarem na luta, seja por almejar uma qualidade de vida melhor ou mesmo pelo apoio emocional que recebem daqueles que reconhecem esta luta, como os 33 comentários de apoio a mulheres que precisaram levar seus filhos para sala de aula, expressos nos comentários analisados.

Se tratando do posicionamento da professora de Laura, 49 comentários discordam da atitude da professora. Entre eles comentários que desconhecem a atitude como inaceitável vindo de uma professora. “Nem considero esse ser como professora.” e “Professor(a) de verdade apoia e incentiva seu alunos e os ajudam no que podem para vê-los estudando.”

Um número considerável de pessoas esperava desta professora compreensão perante a situação da estudante, que como professora tornasse aquele espaço acessível e não impróprio. Que enquanto mulher houvesse por parte dela sororidade, apoio de uma mulher para outra, que ao perceber a dificuldade daquela estudante ela não lhe limitasse, mas sim levasse em conta a necessidade da aluna.

Do ponto de vista político, percebeu-se 9 comentários que ligam de forma presumida o posicionamento da professora a opção partidária, 15 comentários ligam de forma declarada o posicionamento a opção partidária e 5 comentários que defendem o governo.

“C/ certeza, essa profa vota naquela coisa q é melhor nem falar o nome. Parabéns a Laura q luta por uma vida digna e aos amigos q lutaram junto! Forças Laura.

A partir dessa análise, é possível observar que o conflito sobre a necessidade de levar criança para sala de aula não é um caso isolado. Além dos relatos adicionais nessas publicações, há diversos outros em situações semelhantes postados nas redes sociais, evidenciando a realidade de muitas mães universitárias.

Mesmo que exista certa compreensão sobre a presença de criança em sala de aula, pode se observar também sugestões de uma sala destinada a receber estas crianças na universidade, para tornar a universidade não só acessível para todos mas também tornar possível a permanência de todos. Dando suportes a demanda de estudantes mães, compreendendo que estas demandas se diferenciam das demandas dos demais estudantes.

É necessário adaptar as atividades acadêmicas as realidades apresentadas por cada universidade, de modo a pensar sobre a flexibilidade na entrega de atividades devido à necessidade de se ausentar para se dedicar aos cuidados com filhos, ações coletivas onde as universidades dispusessem de salas infantis para que durante o correr das aulas as mães pudessem deixar seus filhos, não precisando ocupar professores, como, por exemplo, uma Ludoteca e área de descanso, que houvesse espaço do tipo para eventos como congressos e assembleias estudantis, como forma de tornar a universidade um espaço para mães e seus filhos.

Ações estas, mencionadas por Gasparly na pesquisa *Sutis Violências de Gênero* como ferramentas capazes de tornar o rendimento acadêmico destas mulheres mais satisfatório.

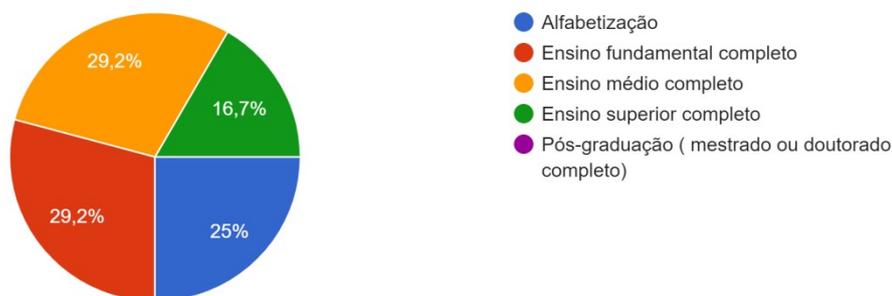
4.2 RESULTADOS DA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

4.2.1 Descrição das informantes e de suas famílias

Responderam ao questionário 24 mulheres na faixa etária de idade entre 22 e 42 anos, sendo 13 casadas, 8 solteiras e 3 namorando. Para entender um pouco a relação da família com escolarização, procuramos saber o grau de instrução dos pais das informantes, chegando aos seguintes resultados:

Gráfico 1 - Grau de escolaridade da mãe das informantes. Nordeste, 2022

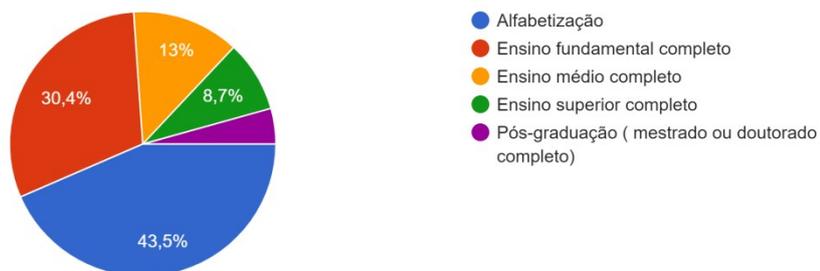
Escolarização da sua mãe:
24 respostas



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2 - Grau de escolaridade do pai das informantes. Nordeste, 2022

Escolarização do seu pai:
23 respostas



Fonte: Elaboração própria

Como podemos ver as mães têm escolaridade maior que os pais - seguindo a média nacional, informações que estão de acordo com dados de pesquisa colhidas pelo do IBGE, as

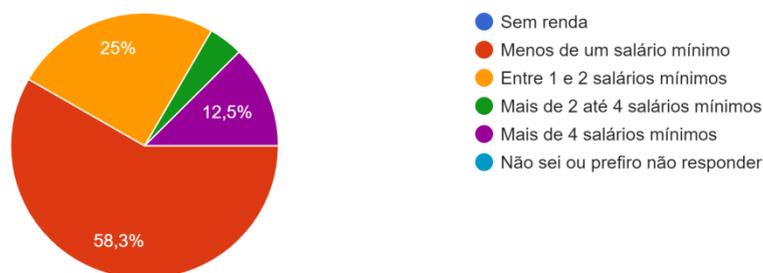
mulheres são maiorias a ingressarem em universidades e embora a evasão seja algo que acontece em ambos os sexos. De acordo com números reunidos pela PNAD, observados no estudo sobre o cenário de exclusão do Fundo das Nações Unidas, nota-se que dos 4 aos 17 anos de idade que os meninos são maioria a não terem acesso ao ensino escolar, tendo 10% de ausência a mais que as meninas nessa faixa etária. Já entre adolescentes de 15 a 17 anos as meninas são maioria a estarem fora da escola no período do ensino médio.

Outro dado relevante é a renda familiar das informantes, entre as quais 14 (58,3%) famílias viviam com menos de um salário mínimo.

Gráfico 3 - Renda familiar durante a graduação. Nordeste, 2022

Durante o período de sua graduação, qual era sua renda familiar (soma da renda de todos os membros da residência)? Pode fazer um cálculo aproximado, considerando o salário mínimo da época.

24 respostas



Fonte: Elaboração própria

Vale ressaltar que mulheres mãe, não só mães universitárias de baixa renda, geralmente vivenciam uma tripla jornada para poder sanar suas necessidades básicas, por vezes se submetendo a trabalhos de condições precárias e baixa remuneração. Tripla jornada, que pode levar ao trancamento ou abandono do curso devido aos desgastes não só físicos como mentais.

4.2.2 O percurso acadêmico das mães estudantes

As informantes iniciaram curso de graduação entre 2015 e 2021, a maioria 18 (78,3%) no turno da noite e 5 (21,7%) estudaram em mais de um turno. 12 (54,5%) fizeram cursos de licenciatura e 10 (45,5%) de bacharelado.

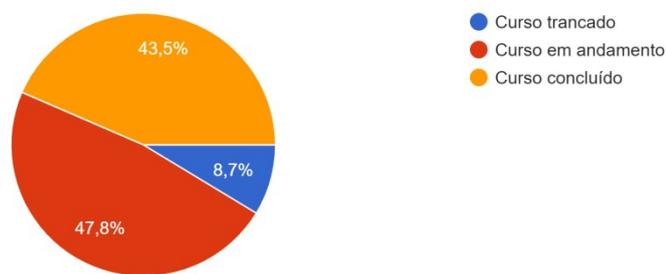
A amostra foi bastante variada em relação às áreas de formação: 3 de Ciências Sociais, 2 de Ciências Contábeis, e uma de cada um dos cursos a seguir: Física, Engenharia Civil, Serviço Social, Arquitetura e Urbanismo, Construção de Edifícios e Tecnologia em

Agroecologia. As instituições de ensino foram: Universidade Federal de Campina Grande – Campus Sumé (1 informante), Instituto Federal da Paraíba (1 informante), Faculdade de Ciências Humanas de Pernambuco (1 informante), Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI (1 informante, Centro Universitário dos Guararapes (1 informante, Universidade Estadual da Paraíba (2 informantes), Universidade Católica de Pernambuco (1 informante).

Quanto à atual situação acadêmica das informantes, 10 concluíram o curso, 11 estavam cursando no momento da pesquisa e 2 haviam trancado.

Gráfico 4 - Situação acadêmica das respondentes. Nordeste, 2022

Qual sua situação acadêmica atual?
23 respostas

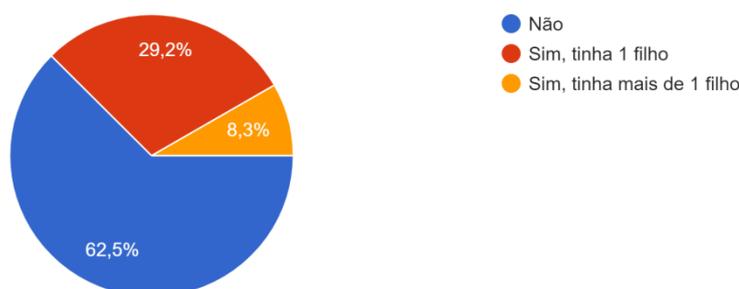


4.2.3 A experiência de ser estudante e mãe

Das 24 informantes, quinze (62,5%) não tinham nenhum filho quando entraram na universidade e 9 (37,5%) tinham um ou mais.

Gráfico 5 - Número de filhos ao ingressar no ensino superior. Nordeste, 2022.

Quando ingressou no curso, já tinha algum filho?
24 respostas



Fonte: elaboração própria

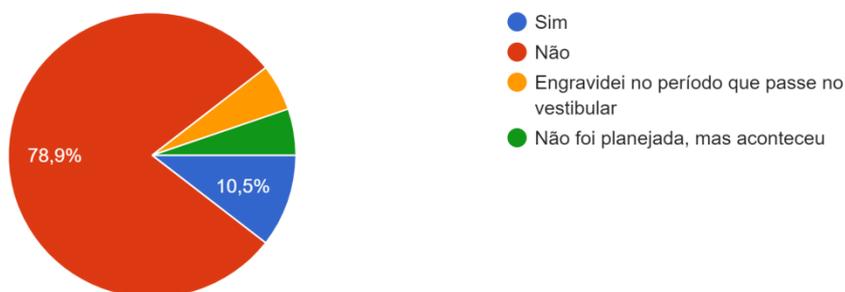
Entre as que já tinham filhos, houve um caso de estudante que ingressou grávida e precisou trancar o primeiro semestre. As demais crianças eram em sua maioria pequenas: dois bebês de até 1 ano, cinco crianças de 2 a 4 anos, uma de 8 e outra de 11 anos. As idades indicam a necessidade de uma rotina bastante ocupada, por serem majoritariamente crianças pequenas e com mais necessidade de atenção e acompanhamento direto dos adultos⁵.

Quanto à gestação durante o percurso acadêmico, 15 (78,9%) não foi planejada, em contraste com uma mínima parcela que planejava engravidar antes de concluir o curso sendo apenas 2 (10,5).

Gráfico 6 - Gravidez planejada ou não durante o curso. Nordeste, 2022

Caso tenha engravidado durante o período da graduação, a gestação foi planejada?

19 respostas



Fonte: elaboração própria

Para as mulheres que ingressaram na universidade já sendo mães, é possível imaginar que, por já terem experiência, possuíam uma certa segurança quanto a ter apoio com o cuidado dos seus filhos para poder prosseguir nos estudos, mas essa hipótese não foi testada nesta pesquisa.

No que tange às mulheres que se tornaram mães durante o percurso acadêmico sem planejar, as dificuldades se apresentaram de forma mais brusca, tendo em vista que suas demandas aumentaram de forma inesperada, afetando diretamente no rendimento das realizações das suas atividades após a maternidade.

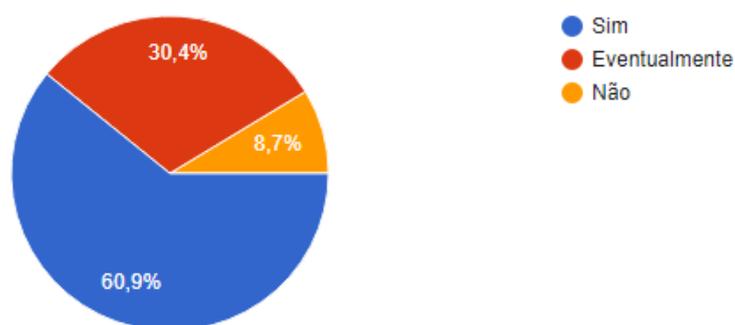
⁵ Nestes últimos casos, em que a idade mais avançada permite aos pais uma rotina menos atribulada com os filhos não se aplicava à mãe da criança de 11 anos, que era responsável também por um bebê de 1 ano.

4.2.4 Puerpério

Foram realizadas perguntas sobre suas experiências durante o período puerpério⁶, como apoio nos cuidados com o filho(s), cumprimentos com atividades no trabalho, domésticos e acadêmicos, apoio financeiro e processo de aprendizagem.

Quanto ao apoio com cuidados com filho(s) mais da metade conta com apoio como mostra o Gráfico 7.

Gráfico 7 - Tiveram apoio nos cuidados com o(s) filho(s) para estudar.



Fonte: Elaboração própria.

Foram realizadas perguntas sobre suas experiências durante o período puerpério, como apoio nos cuidados com o filho(s), cumprimentos com atividades no trabalho, domésticos e acadêmicos, apoio financeiro, e processo de aprendizagem.

Quanto ao apoio com cuidados com filho(s) mais da metade conta com apoio como mostra a Gráfico 8.

O período do Puerpério é o período que a mãe e bebê necessitam um do outro para se conhecerem e se adaptarem a uma nova realidade. Período em que o bebê requer muito colo, amamentação em livre demanda para mulheres que podem amamentar, além da adaptação do sono, onde por vezes ocorre privação de sono por parte da mãe.

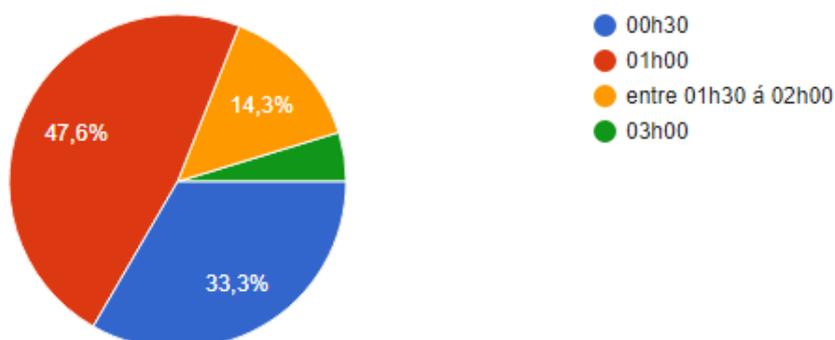
Com isto muitas atividades já não podem ser consideradas como prioridade. E quando a prioridade de cuidar de um filho é conciliada as demais atividades podem resultar em muita exaustão, mental e física. Acarretando em dificuldades no processo de aprendizagem como visto anteriormente, afetando diretamente no tempo direcionado aos estudos como mostra o Gráfico 9.

⁶ De acordo como o dicionário, puerpério é: “período que vai da expulsão da criança e da placenta, até que seja completa a involução uterina” (FERREIRA, 2001, p. 567)

Gráfico 8 - Tempo disponível para se dedicar aos estudos

Fonte: elaboração própria.

Contudo após o período do puerpério o tempo disponível para se dedicar aos estudos diariamente conciliados ao apoio com os cuidados com o(s) filho(s) cresceu para 1 hora como aponta o Gráfico 9.

Gráfico 9 -Tempo disponível para estudar, após o puerpério.

Fonte: elaboração própria.

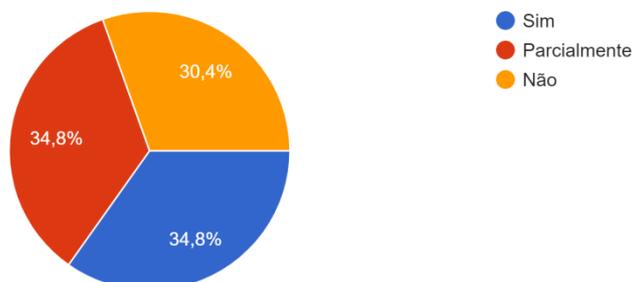
Ainda sobre o processo de aprendizagem após o período do puerpério durante este período, quase que metade, 47, 8% das informantes consideram o rendimento regular, 13% bom, 13% ruim, 13% péssimo e 13% decidiu não estudar durante o puerpério.

Com o intuito de compreender o tipo de apoio que estas informantes possam vir a receber, também foram feitas perguntas, para além do puerpério sobre a responsabilização do pai da criança com o(s) filho(s) e atividades domésticas.

Gráfico 10 - Responsabilização dos pais com os cuidados com o(s) filho(s).

O pai da(s) criança(s) se responsabiliza com os cuidados com o(s) filho(s)?

23 respostas



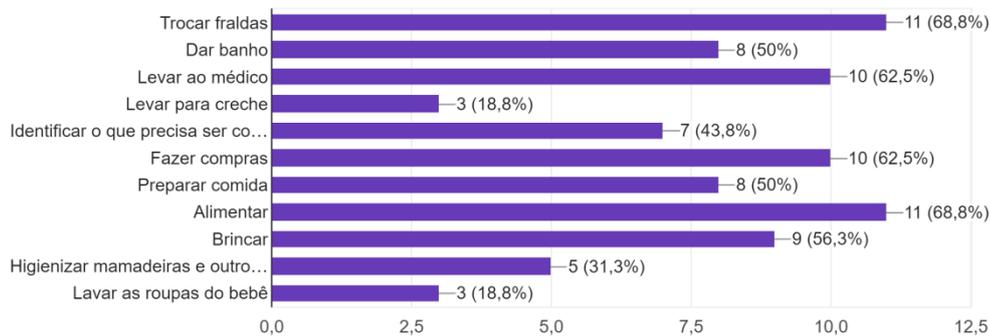
Fonte: elaboração própria.

Foi pedido no questionário que as informantes marcassem nos itens descritos apenas os quais o pai, se responsabilizavam ou dividiam nos cuidados com o(s) filho(s), todas as categorias foram marcadas.

Gráfico 11 - Tipos de cuidados com os filhos que os pais ficavam responsáveis.

Por favor, marque os itens pelos quais o pai da(s) criança(s) se responsabilizou ou dividiu com você em relação a cuidados com a(s) criança(s): Pode marcar mais de uma.

16 respostas



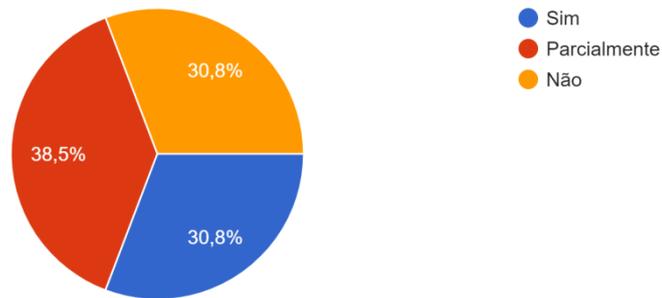
Fonte: Elaboração própria.

É importante destacar que dividir os cuidados com o(s) filho(s) como trocar fralda, alimentar, dar banho, levar ao médico, e os demais aqui citados, não podem ser compreendidos como ajuda, mas sim obrigações que devem ser direcionado não apenas as mães mas também aos pais.

Para além dos cuidados com a prole, também foi perguntado as informantes se seus companheiros caso mora-se com eles, se estes se responsabilizavam em dividir as atividades domésticas. Conforme o Gráfico 12.

Gráfico 12 - Divisão das atividades domesticas com o companheiro.

Caso more com companheiro(a), ele(a) se responsabiliza ou divide as atividades domésticas?
13 respostas

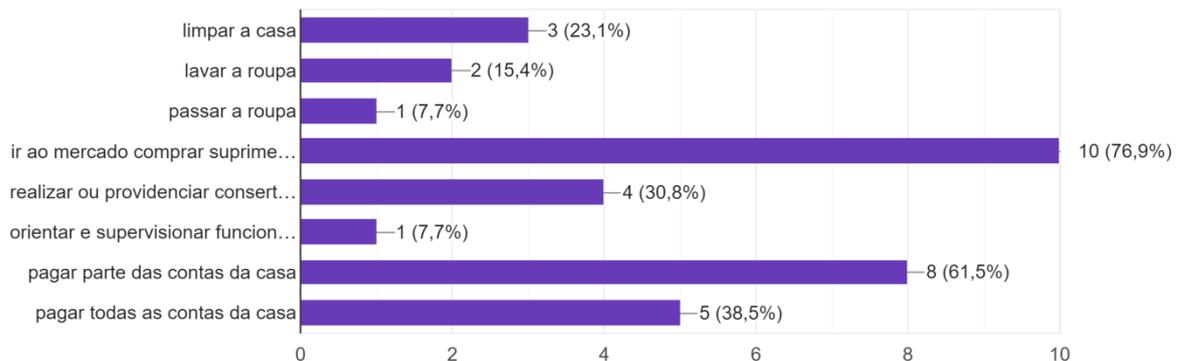


Fonte: elaboração própria.

Também foi solicitado as informantes que marcassem os itens pelos quais o pai da(s) criança(s) se responsabilizavam ou dividia em relação as atividades domesticas. Como mostra o Gráfico 13:

Gráfico 13 - Atividades domesticas que o companheiro se responsabiliza.

Caso more com companheiro(a), marque as opções a seguir pelas quais ele(a) se responsabilizou ou dividiu com você em relação às atividades domésticas: Pode marcar mais de uma.
13 respostas



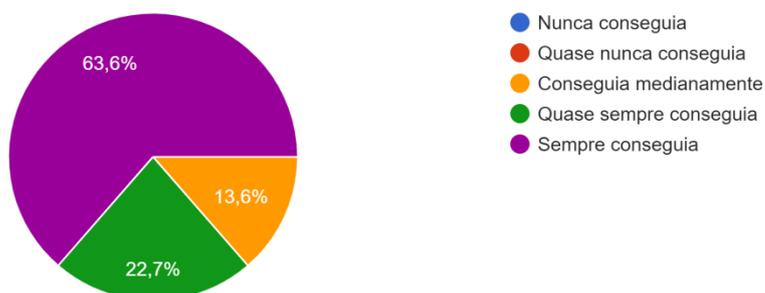
Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar os dados (gráfico 16), apesar de 38,5% das informantes dizerem que seus companheiros dividem as atividades domésticas, quando citam os itens as quais estes se realizarão não há uma divisão justa. Isto porque as atividades ditas pela sociedade como atividades femininas como limpar a casa e lavar roupa o percentual é baixíssimo.

Como podemos observar nos Gráfico 14 e 15, que informa, o nível de cumprimentos das atividades acadêmicas que as informantes acreditavam ter antes e depois da maternidade.

Gráfico 14 - Autoavaliação de desempenho acadêmico antes da maternidade. Nordeste, 2022

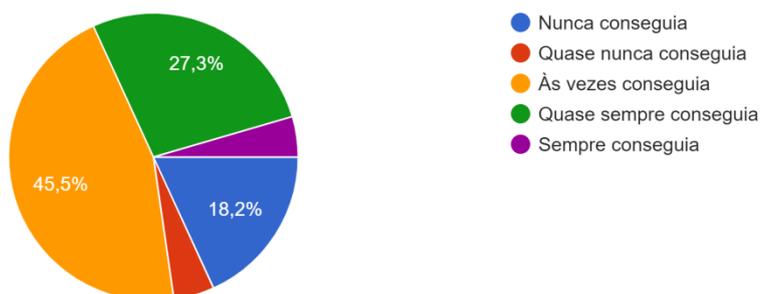
Antes de ter bebê, você considera que conseguia cumprir com suas atividades acadêmicas?
22 respostas



Fonte: elaboração própria, (2022)

Gráfico 15 - Autoavaliação de desempenho acadêmico no primeiro ano de vida do bebê. Nordeste, 2022

Nesse primeiro ano de vida do seu bebê, você considera que conseguiu cumprir com suas atividades acadêmicas:
22 respostas



Fonte: elaboração própria, (2022)

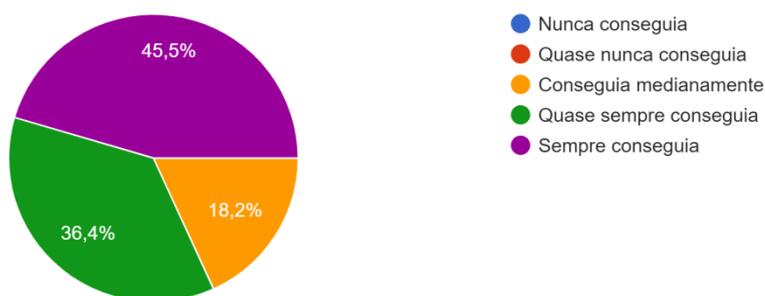
É possível notar que, ao menos no primeiro ano de vida do bebê, cai drasticamente o número das que consideram que conseguem cumprir as atividades acadêmicas sempre ou quase sempre (passando de 19 para 7). Por outro lado, antes da maternidade mais da metade 14 (63,6) conseguia cumprir sempre com as atividades acadêmicas. Portanto, de acordo com estes dados podemos observar como a demanda da maternidade, pode ser impactante para as realizações das atividades acadêmicas

Essa sensação de não conseguir dar conta das demandas como antes, é importante destacar, não diz respeito apenas às questões acadêmicas, estendendo-se também às tarefas domésticas e, no caso das que exercem atividade remunerada, às questões profissionais.

No que se refere ao cumprimento das atividades domésticas que requerem mais esforço físico, antes da maternidade as mulheres avaliam que realizavam quase sempre ou de forma mediana eram realizadas, como podemos ver no Gráfico 16.

Gráfico 16 - Autoavaliação de desempenho de atividades domésticas antes da maternidade. Nordeste, 2022

Antes de ter bebê, você considera que conseguia cumprir com suas atividades domésticas?
22 respostas



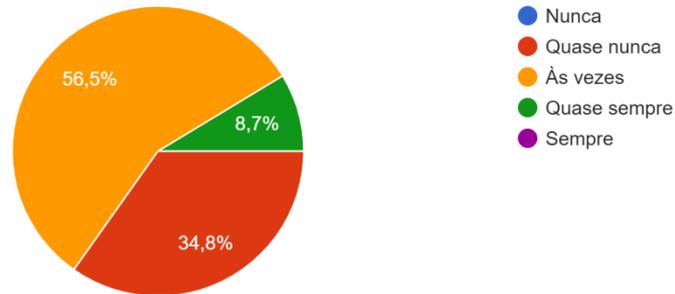
Fonte: elaboração própria

Porém, após o nascimento da criança, as respostas mais recorrentes passaram a ser “consequia cumprir às vezes” (13 casos) e quase nunca (8 casos).

Gráfico 17 - Autoavaliação de desempenho de atividades domésticas no primeiro ano de vida do bebê. Nordeste, 2022.

Nesses primeiros 12 meses, você consegue cumprir com suas atividades domésticas:

23 respostas



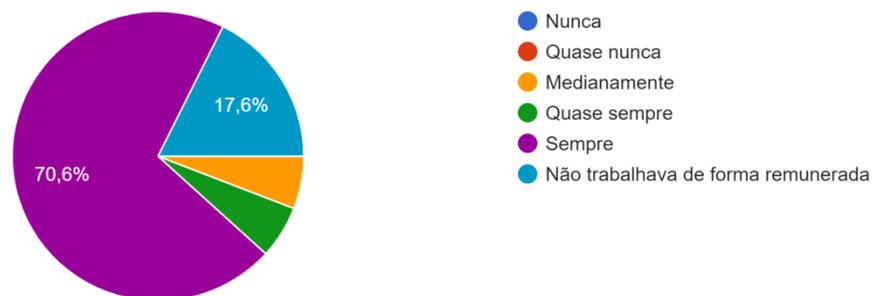
Fonte: elaboração própria.

De acordo com as informantes, aquelas que trabalhavam de forma remunerada durante o período do puerpério, sendo estas 20,8% de forma fixa e 33,3% de forma esporádica, consideram que antes da maternidade conseguiam realizar seu trabalho de maneira satisfatória.

Gráfico 18 - Autoavaliação de desempenho do trabalho remunerado, antes de ter o bebê. Nordeste, 2022

Caso trabalhasse de forma remunerada, antes de ter bebê, considera que conseguia realizar sua função satisfatoriamente?

17 respostas



Fonte: elaboração própria.

Como podemos ver no Gráfico 19, após o nascimento do bebê a realidade muda, isto por que este é um período em que o bebê possui uma grande dependência da mãe, sendo prioridade na vida desta, que já não pode dedicar ao trabalho como antes.

Gráfico 19 - Autoavaliação de desempenho do trabalho remunerado, no primeiro ano de vida do bebê. Nordeste, 2022.

Caso trabalhe de forma remunerada, nesses primeiros 12 meses, considera que conseguiu realizar sua função satisfatoriamente?

19 respostas



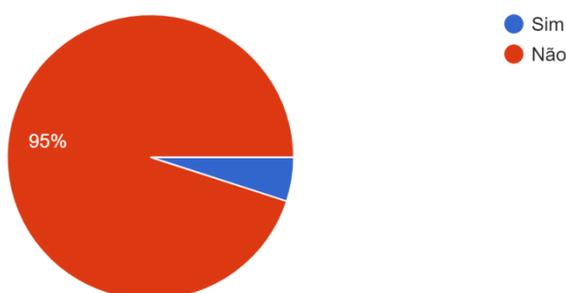
Fonte: elaboração própria, (2022)

É possível notar que, antes da maternidade, as informantes possuíam certa dificuldade em conciliar suas demandas principalmente para aquelas que além das atividades do lar e acadêmicas também trabalhavam de forma remunerada, mas é ao se tornarem mães que estas demandas ficam ainda mais difíceis de serem realizadas.

Gráfico 20 - Necessidade de diminuição de número de disciplinas matriculadas, para conciliar as mandas diárias antes, de ter o bebê.

Antes da maternidade, já precisou diminuir o número de disciplinas matriculadas para conciliar as mandas diárias?

20 respostas

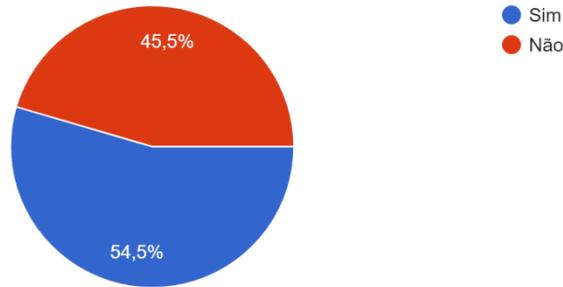


Fonte: elaboração própria.

Gráfico 21 - Necessidade de diminuição de disciplinas matriculadas para conciliar as demandas diárias, após nascimento do bebê.

Depois que teve filho(s), precisou diminuir o número de disciplinas matriculadas para conciliar as demandas diárias?

22 respostas



Fonte: elaboração própria.

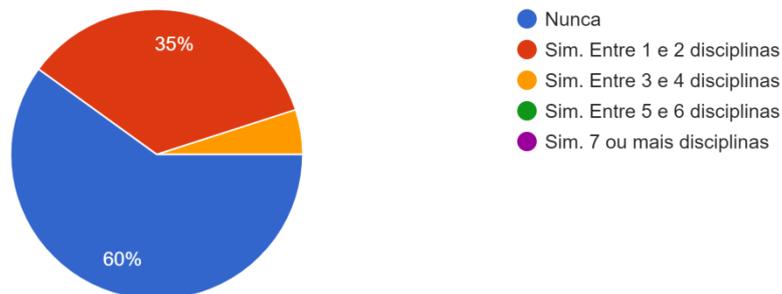
Diante disso, como estratégia de darem continuidade aos estudos, muitas diminuem o número de disciplinas matriculadas ou trancam o curso. Se antes da maternidade apenas uma informante afirma ter precisado diminuir o número de disciplinas para conciliar as demandas diárias, depois da chegada do bebê, essa opção foi necessária para 12 (54,5%) das que responderam a questão.

Embora reprovar ou trancar o curso seja algo que pode ocorrer durante o percurso acadêmico de qualquer estudante, é notável que as demandas da maternidade são fatores que podem influenciar bastante neste tipo de ocorrência. Isso é o que nos mostram os Gráficos 22 e 23:

Gráfico 22 - Reprovação antes da maternidade.

Antes de ter filho(s), você chegou a trancar ou reprovar alguma disciplina?

20 respostas

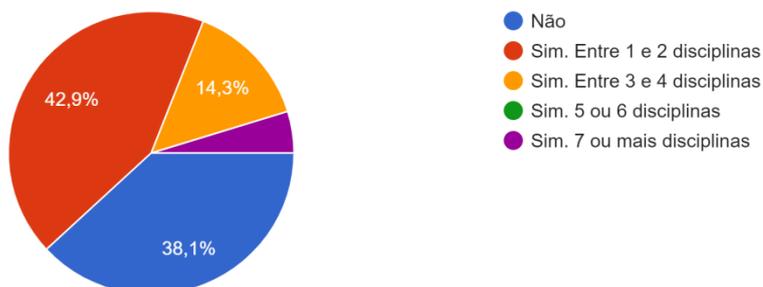


Fonte: elaboração própria.

Gráfico 23 - Trancaram ou reprovaram, após terem filhos.

Depois de ter filho(s), durante a graduação, você chegou a trancar ou reprovar alguma disciplina?

21 respostas



Fonte: elaboração própria.

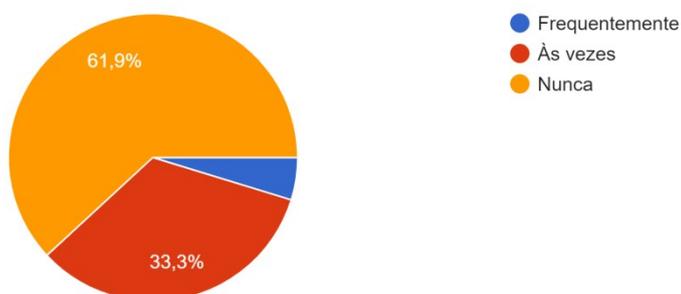
Como pode os observar considerável porcentagem das informantes chegou a reprovar ou trancar disciplinas depois que tiveram filhos revelando como o período antes dedicado aos estudos foi comprometido devido a maternidade.

Sobre as questões referentes ao rendimento e produtividade acadêmica das informantes, possível observar que devido a sobrecarregas das diversas responsabilidades a quais estão imersas estas afetam diretamente no seu desenvolvimento acadêmico.

Gráfico 24 - Pensaram em desistir do curso antes da maternidade.

Antes da maternidade, já pensou em desistir do curso?

21 respostas



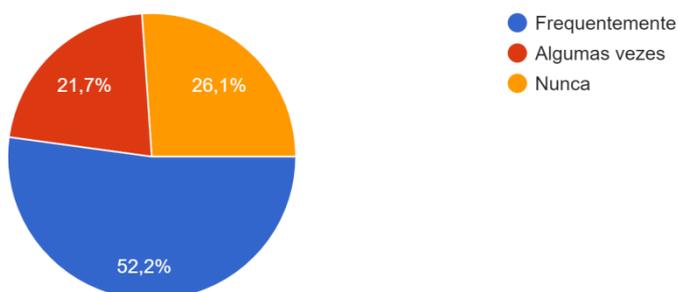
Fonte: elaboração própria

Antes da maternidade mais da metade das informantes não pensavam em desistir do curso, porém após a maternidade o quadro se inverte e mais da metade frequentemente pensam em desistir dos estudos acadêmicos.

Gráfico 25 - Pensaram em desistir do curso após a maternidade.

Depois que teve filho(s), pensou em desistir do curso?

23 respostas



Fonte: elaboração própria.

Por fim, fica claro porque é tão difícil para mães prosseguir seus estudos de forma produtiva, isto por que isto não é só sobre se dedicar aos estudos, mas sim dar conta de tudo e por vezes sem um suporte que lhes ajudem com tantos compromissos que não são exclusivamente delas, mas impostas a elas por uma sociedade patriarcal. Sociedade que cobra das mulheres, um lar limpo para conforto da família, sem necessariamente haver divisões no trabalho doméstico nem nos cuidados com os filhos.

4.3 O DESEJO DE CONCILIAR AS ATIVIDADES

Como vimos, por mais que as estudante desejem conciliar as atividades, essa é uma missão em que o processo pode ser frustrante, em que o apoio com cuidados com o(s) filho(s) é crucial.

Este apoio proporciona a mãe estudante tempo considerável para se dedicarem as estudos, a divisão principalmente com pai da criança e companheiro.

Para além deste tipo de apoio, percebe-se também como a universidade ela pode fazer a diferença através do seu acolhimento. Em relação as informantes quando questionadas sobre terem precisado levar seus filhos para sala aula algumas vezes e uma que afirma ter levado por diversas vezes.

De acordo com os relatos de experiências significativas, em alguns casos dois relatos chamam atenção sobre a necessidade da universidade ser um espaço pensado para mães e filhos: “Marido ficava do lado de fora da faculdade, esperando. Se a criança chorava eu sai

para amamentar”, “levava para a universidade, mas o pai costumava acompanhar e aguardava com o bebê durante as aulas”.

Segundo as estudantes a universidade poderia realizar ações que as auxiliassem a conciliar a maternidade com as atividades acadêmicas como:

A universidade poderia providenciar uma ciranda ou creche especializada para deixarmos nossos filhos enquanto estudamos

Acredito que um espaço pra crianças seria uma boa ideia, porque nem todos tem a ajuda de familiares pra deixar as crianças

Acredito que no periodo da maternidade, os primeiros meses de vida do bebê...Pelo menos até os 6 meses... A universidade deveria fazer ensino a distância. Com conteúdos através de video aula e atividades, avaliações, que apesar de terem prazo final, pudessem ser feitas no horário que a pessoa quisesse/pudesse realizar

Como podemos ver ter com quem deixar o(s) filho(s) ou adaptar as atividades acadêmicas a condição de estudos de estudantes universitárias é um fator que se faz bastante presente como importante para continuação nos estudos.

4.4 RETOMADA OU ABANDONO DO CURSO

Quando uma estudante engravida com ou sem a intenção de ser mãe durante o percurso acadêmico, muitas questões e situações podem mudar o rumo de suas decisões, como a de continuar, trancar ou abandonar o curso.

Decisões que não depende apenas do seu interesse em continuar nas atividades acadêmicas e sim em ser possível permanecer. Isto por que questões como rede de apoio, condições financeiras, suporte da universidade e apoio de professores serão cruciais para a sua continuação nos estudos.

Como vimos à maternidade ocasiona mudanças na rotina que pode afetar diretamente no rendimento nas realizações de atividades acadêmicas, no trabalho e afazeres doméstico. Porém, no caso das informantes aqui descritas duas tiveram que trancar, alegando dificuldade em conciliar maternidade e universidade, 11 estão em andamento, mas expressam claramente como a rede de apoio se faz fundamental no prosseguimento dos estudos assim como as 10 que já concluíram.

Caso tenha concluído ou esteja em vias de concluir o curso, qual você considera que tenha sido o fator mais importante para conseguir conciliar a maternidade aos estudos?

A ajuda da minha mãe e do pai do bebê, sem ele, não teria conseguido terminar o curso.

Rede de apoio

Ter a ajuda de outras pessoas nos momentos de estudos foi fundamental pra conclusão.

De acordo com os relatos a partir da pergunta aberta que questiona o porquê das informantes terem trancado ou desistido, estas afirmam que não davam conta das atividades, que sentiam dificuldade em conciliar curso e maternidade, assim como não ter com quem deixar o filho tendo em vista que a universidade ficava em outra cidade.

Caso tenha deixado o curso, qual você considera que tenha sido o principal motivo para isso?

É difícil conciliar o curso e maternidade

TRANQUEI O CURSO PELA DIFICULDADE DE LOCOMOÇÃO OUTRA CIDADE E NÃO PODER DEIXAR MEU FILHO.

Não dava conta das atividades, da casa

Quanto às informantes que concluíram ou esteja em vias de concluir o curso, as mesmas afirmam em pergunta aberta que consideram como fator mais importante para conseguir conciliar a maternidade aos estudos: rede de apoio, responsabilidade pelos filhos, e adaptação das aulas a distância devido a pandemia por Covid-19.

Por fim as informantes que contribuíram com esta pesquisa a maioria mesmo diante de todas as dificuldades aqui expostas, continuam a lutar por sua formação acadêmica, outra parte significativa concluiu, mas estes resultados não atingiu a todas, há aquelas que lamentam não terem alcançado seus objetivos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos é através dos estudos acadêmicos que diversas mulheres mães ou não, procuram alcançar sua realização profissional, se inserirem no mercado de trabalho para conseguir um bom cargo e terem independência financeira e assim terem uma vida de qualidade.

Através da pesquisa aplicada por meio de questionário online, que buscou compreender as experiências de mulheres que se tornaram mãe durante o percurso acadêmico, mais os relatos nas redes sociais, notamos que a dificuldade na conciliação da maternidade e universidade significa grande desafio na continuidade dos estudos.

Principalmente quando estas estudantes não possuem uma rede de apoio, para poder se dedicar as atividades acadêmicas, ou quando não há uma divisão nas atividades domésticas e cuidados com o(s) filho(s). Que segundo Angela Davis (2016), a ideia de que por naturalidade os cuidados com a prole é algo que deve ser quase que exclusivo da mãe aumenta ainda mais a pesada carga mental e física a qual pode suprimir sua disposição para realizar atividades.

A partir dos resultados obtidos na pesquisa, foi constatado sobrecarga perceptível na autoavaliação de desempenho acadêmico, profissional e doméstico. Houve um Aumento no percentual de trancamento ou reprovação de disciplinas 9 (42,9%) chegaram a trancar ou reprovar entre 1 a 2 disciplinas, 3 (14,3%) entre 3 a 4 disciplinas e 1 (4,8%) trancou ou reprovou 7 ou mais disciplinas após a maternidade, enquanto, antes de serem mães, as que já haviam trancado ou reprovado eram apenas 8 (40%). Os pensamentos sobre desistir do curso também passaram de 1 (4,8%) que consideraram a opção com frequência para 12 (52,2%) com esse pensamento após a maternidade. Não se trata, porém, de algo inevitável a rede de apoio é apontada como essencial por parte de 11 informantes que estão em curso em andamento e das 10 que conseguiram concluir.

Como vimos as universidades não possuem suporte para receber estudantes mães acompanhadas de seus filhos de maneira confortável, que embora haja professores compreensivos sobre flexibilização de prazos, compreensão por falta ou atraso, que adaptam trabalho ou avaliação a realidade de universitárias com filhos pequenos, ou mesmo as dispensam de trabalho ou avaliação, ou compreendendo a necessidade de algumas mães em levarem seus filhos para a sala de aula, não é um dado geral, e que esta necessidade não se trata de casos isolados.

De acordo com as pesquisas científicas encontradas sobre a temática, apesar de em algumas universidades estudantes formarem coletivos de mães, como suporte na permanência destas na universidade, o apoio da instituição é crucial para a existência destes coletivos. Que a oferta de Creche além do ambiente educativo beneficia a criança no desenvolvimento e a mãe na autonomia de poder trabalhar e estudar, porém muitas vezes os horários de atendimento destas creches não se adéquam a rotina das mães cujos horários de disciplinas não são fixos mudando todos os semestres.

Para tanto, é preciso elaborar políticas de equidade e espaços para demandas dessas mulheres, se faz necessário também o desenvolvimento de práticas coletivas que facilitem a permanência de mães universitária nos espaços acadêmicos, como espaço kids em congressos e assembleias estudantis, reforçando as universidades também são espaços pra mães e filhos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Eustáquio Diniz. O nascimento da pílula anticoncepcional e a revolução sexual e reprodutiva. **EcoDebate**. Juiz de Fora, MG, 2018. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/11/28/o-nascimento-da-pilula-anticoncepcional-e-a-revolucao-sexual-e-reprodutiva-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 04 fev. 2023.
- BRASIL, **Constituição (1988)**. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL, **Decreto-Lei nº 2.848**, de 7 de dezembro de 1940. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 7 jan. 1940.
- CARLOMAGNO, Márcio. C; ROCHA, Leonardo. Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer a análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Paraná, n.1, p. 173, 2016.
- CASTRO, Isis Gabriella. **Movimento Sufragista: o que foi e qual o impacto no Brasil?**. Politize, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-sufragista-o-que-foi-e-qual-o-impacto-no-brasil/>. Acesso em: 04 fev. 2023.
- CONTRERA ÁVILA, Rebeca. PORTES, Écio. Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n.20, p. 384, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani, São Paulo. Boitempo Editorial, 2016.
- ESTEVES, Renata. Se liga- Enem e Vestibulares. **Ondas Feministas|História e Vertentes do feminismo**. [S.l.: s.n.]. 2018. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo canal Se Liga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGHdDnKw8Cc>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI Escolar. O minidicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos...[et al.]. 4 ed. rev. Ampliada, Rio de Janeiro, 2001.
- GASPARY, Adriana Severino. **Maternidade, universidade e educação infantil, sutis violências de gênero**. 2019. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia), Porto Alegre, 2019.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todos**. Tradução de: Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), 2012 e 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=destaques>. Acesso em: 04 jan. 2023
- JUSTIÇA PORTIGUAR. Professor alvo de polêmica com aluna que levou filha para aula será indenizado em R\$ 40 mil pela UFRN e chefe de Departamento. 2019. Disponível em: <https://justicapotiguar.com.br/index.php/2019/12/03/professor-alvo-de-polemica-com-aluna->

[que-levou-filha-para-aula-sera-indenizado-em-r-40-mil-pela-ufrn-e-chefe-de-departamento/](#). Acesso em: 26 abr. 2022.

MÍDIA NINJA. **Instagram** @mídianinja. Rio de Janeiro, 2022. <https://www.instagram.com/reel/CkEM77pp9U7/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acessado em: 28 dez 2022.

MOREIRA, N. C. et al. 2018. **Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social**. Rio de Janeiro, 2012.

O LADO BOM DAS COISAS. **Facebook**: oladobomdascoisas.ofc. Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/100069356259260/posts/pfbid0meRGH5W8AMswRi8R2rJisbHnT7NVuKmKy7i34MzLs1pnNgbSqvkNEJguxynnNH4Jl/>. Acessado em: 27dez 2022.

Instagram @oladobomdascoisas.ofc. Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cj_ZR3nvI6u/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 27dez. 2022.

OLIVEIRA, Tatiana Viana de. **Maternidade e universidade**: os desafios das mães na graduação da UFF. 2019. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia, Niterói, 2019).

PEREIRA, ACF; FAVERO, NALG. **História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência**. Paraná, 2017.

PINSKY. Carla Bassanezi, PINSKY, Jaime. **História da Cidadania**. São Paulo, Editora Contexto, 2007.

RAMOS, Joaquim. Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social Método e Técnica**. São Paulo, Editora Atlas S.A. 2012.

ROCHA, Camila. Cristianismo ou conservadorismo? O caso do movimento anti-aborto no Brasil. **Revista TOMO**. Sergipe, n.36, p.43-77, 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, Emílio ou da educação. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1995.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n.16, p. 173, 2008.

SOUZA, C.R. de O. et al. **Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiências de gravidez**. Rio de Janeiro, 2018.

WOLLSTONECRAFT. Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. Tradução: Ivania Pocinho Motta. São Paulo, Boitempo Editorial, 2016

ZAULI, Fernanda; JÁCOME, Igor; BARBOSA, Rafael. Professor proíbe aluna de assistir aula acompanhada da filha de 5 anos na UFRN. **G1. globo.com**. Rio Grande do Norte, 7 mar.

2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/professor-proibe-aluna-de-assistir-aula-acompanhada-da-filha-de-5-anos-na-ufrn.ghtml>> Acesso em: 26 mar. 2022.

APÊNDICE A – Convite para participar da amostra

Olá. Sou Andreza Dario, sou graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, campus Sumé-PB. Venho aqui te convidar a participar da pesquisa sobre "A trajetória universitária de mulheres que se tornaram mães durante o percurso", através de um rápido questionário, com o intuito de compreender a experiência de mulheres que gestaram e tiveram um ou mais filhos ao longo do percurso da graduação.

Você pode participar do estudo mesmo que não tenha concluído o curso de graduação. Para compor a amostra, basta que tenha feito uma graduação no nordeste e tenha passado por gestação e/ou puerpério ao longo do curso entre os anos de 2015 e 2022.



Você Pode entrar em contato comigo pelo WhatsApp (83) 99659 8796 ou e-mail: andrezadario@gmail.com

Desde já, grata!



Link na blo.

Fonte: elaboração própria

APÊNDICE B

Questionário



Questionário..pdf